

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

FACULDADE MALTA

Bacharel em Teologia

Prof. Dr. Érico Tadeu Xavier

Teresina - PI

Sobre a Autor:

Erico Tadeu Xavier

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, BH (2021) tendo como tema o Pentecostalismo Brasileiro. Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia BH (2014) sobre a Ecclesiology Missiological de Orlando Costas e sua relação com a América Latina. Doutorado em Ciências da Religião - Atlantic International University (2019). Doutorado em Ministério - Livre pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR (2004). Doutorado (PhD) em Philosophy in Theology - South African Theological Seminary (2011), reconhecido pela PUC, RJ. Mestrado em Ciências da Religião - Universidad Evangelica de las Americas, Costa Rica (2008), reconhecido pela EST, São Leopoldo, RS. Pós-Graduação em Aconselhamento Pastoral - UniBF, (2020). Especialização em Missão Urbana e Crescimento de Igreja – FTSA (2009). Bacharel em Teologia - Universidad Evangélica de las Américas, Costa Rica (2007). Bacharel em Teologia – Faculdade de Teologia de Boa Vista (2006). Professor de teologia ensino superior com experiência na área de Teologia Sistemática e Missão. Atuando principalmente nos seguintes temas: pneumatologia, soteriologia, escatologia, temas em apocalipse, missão integral, teologia bíblica de missão, pentecostalismo, ecologia, meio ambiente e responsabilidade cristã.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material didático destina-se aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se essencial para a formação profissional do Teólogo, através da disciplina de Introdução à Teologia, conhecer o Deus das Escrituras Sagradas e Seus atributos. Ter uma visão geral da Teologia Antiga e Moderna.

Na Unidade 1 “INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E HISTÓRIA DA TEOLOGIA”, você vai estudar as definições da palavra Teologia. A definição Etimológica, a definição Técnica e a definição Filosófica, serão objetos de estudos. Os Ramos da Teologia também serão discutidos. Os objetivos da Teologia, a História e as Tendências Teológicas da Modernidade, completarão a primeira unidade de estudos.

Na Unidade 2 “TEONTOLOGIA E TEOLOGIA”, você vai conhecer as evidências da existência de Deus, os Seus atributos e as implicações práticas. Na Unidade 2 outro importante tema será analisado. Trata-se do Criacionismo versus Evolucionismo. A narrativa bíblica da Criação, a Teoria Evolucionista e o Criacionismo e Evolucionismo como elementos antagônicos.

Na Unidade 3 “DOUTRINAS DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA - I”, você vai entender que na Teologia existem doutrinas fundamentais e sistemáticas que ajudam na compreensão da origem da Bíblia, da natureza humana e da salvação. Portanto, nessa Unidade vamos conhecer as três primeiras doutrinas que fazem parte da Teologia Sistemática. Uma delas está relacionada com a Bíblia, ou seja, é a Bibliologia. A origem, o desenvolvimento e os aspectos que envolvem a Revelação e a Inspiração das Escrituras. A Antropologia é outra doutrina que vai tratar da natureza humana e as suas implicações. Por último, a Unidade 3 estudará sobre a Soteriologia. Essa doutrina trata do pecado e do processo da salvação.

Na Unidade 4 “DOUTRINAS DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA – II”, outras três doutrinas serão objetos de estudos. A primeira doutrina tratará da Cristologia. A divindade e a humanidade de Jesus Cristo e as implicações serão analisadas. A segunda é a Pneumatologia que se preocupa com a Pessoa e Obra do Espírito Santo. Por último, o tema da Escatologia será brevemente abordado. Uma síntese dos acontecimentos finais conforme a Bíblia e o pensamento dos teólogos.

O conteúdo proposto não esgota a discussão sobre tal temática. No decorrer do curso de teologia, as doutrinas da Teologia Sistemática serão estudadas individualmente e com maior aprofundamento. Quero incentivar a reflexão e a pesquisa para a construção de novos saberes sobre a temática. Sucesso e bons estudos!

Prof. Erico Tadeu Xavier (PhD)

SUMÁRIO

UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E HISTÓRIA DA TEOLOGIA

Objetivos

Definição Etimológica

Definição Técnica

Definição Filosófica

Os ramos da Teologia

Objetivos da Teologia

História da Teologia

Tendências Teológicas da Modernidade

Considerações Finais

Hora de Revisar

Referências

UNIDADE 2 - TEONTOLOGIA E TEOLOGIA

Objetivos

Evidências da Existência de Deus

Os Atributos de Deus

Deus Revelado Através dos Atributos de Sua Divindade

Deus é uma Tri-Unidade

Atributos em Relação à Criação

Aplicações práticas da onipresença de Deus

Atributos de Sua Natureza

O Poder Criador do Deus Eterno

Criacionismo *versus* Evolucionismo

Narrativa Bíblica sobre a Criação do Céu e da Terra

A Teoria Evolucionista

Criacionismo e Evolucionismo são Antagônicos

Considerações Finais

Hora de Revisar

Referências

UNIDADE 3 - DOUTRINAS DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

Objetivos

A Primeira Doutrina - Bibliologia

Definição e Etimologia

A Bíblia – Inspiração Divina ou Escritura de Homens?

A Canonicidade Bíblica

A Bíblia – Revelação Divina

A Segunda Doutrina - Antropologia

Definição da Antropologia Bíblica

O Homem na Visão Bíblica

Elementos Formadores do Homem

À Imagem de Deus

A Terceira Doutrina - Soteriologia

Importância da Soteriologia

Dimensões da Salvação

Considerações Finais

Hora de Revisar

Referências

UNIDADE 4 - DOCTRINAS DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA II

Objetivos

A Quarta Doutrina – Cristologia

A Realidade das Duas Naturezas

A Necessidade das Duas Naturezas no Redentor

A Necessidade da Natureza Humana

A Necessidade da Natureza Divina

A Necessidade das Duas Naturezas Unidas

A Quinta Doutrina - Pneumatologia

Aos Três são Dados Atributos Divinos

As Três Pessoas Divinas são Um

A Unidade das Três Pessoas não Desfaz a sua Individualidade

Três Pessoas Divinas Operam as Mesmas Obras

A Sexta Doutrina – Escatologia

Classificação da Escatologia

Correntes de Interpretação Escatológica

Escatologia do Antigo Testamento

Escatologia do Novo Testamento

A Esperança do Advento

Modo da Parousia = Vinda de Cristo

Considerações Finais

Hora de Revisar

Referências

UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E HISTÓRIA DA TEOLOGIA

Objetivos:

- **Dar uma visão geral da teologia.**
- **Descrever os grandes objetivos da teologia.**
- **Apresentar a história e as tendências da teologia moderna.**

Vamos começar definindo a palavra Teologia:

Definição Etimológica

O termo Teologia é constituído pela junção de dois vocábulos gregos, a saber:

- **Theos:** Significa Deus.
- **Logia:** Significa tratado ou Estudo sobre Deus.

De modo amplo, a Teologia é um estudo ou tratado sobre Deus.

Definição Técnica

Teologia é a ciência geral de Deus, ou seja, é o estudo geral das coisas relativas a Deus. Ela se difere da Teontologia, que faz parte da teologia sistemática.

A Teologia é uma ciência que tem como objeto de estudo as formas de revelação de Deus – na natureza, na Bíblia Sagrada e nas experiências da igreja e da criatura humana. O teólogo cristão suíço Karl Barth (nascido em 10 de maio de 1886, na Basileia, Suíça, e falecido em 10 de dezembro de 1968 na mesma cidade) definiu a Teologia como “um falar a partir de Deus” (BARTH, 2006).

Definição Filosófica

A palavra Teologia tem sido muito utilizada no ambiente cristão. Todavia, esse termo está ligado à Grécia antiga, chamada clássica. Alguns historiadores apontam seu uso inicial por Ferécides de Siro, um filósofo grego nascido em meados dos anos 600 a.C, na ilha grega de Siro. Já outros afirmam que o termo foi usado, primeiramente, por Platão, filósofo grego nascido em Atenas, no ano de 428 a.C e falecido em 348 a.C), na obra “A República”.

Ferécides de Siro foi o primeiro a escrever sobre a natureza e a origem dos deuses e suas obras misturavam Teologia com Filosofia e Mitos, fazendo uso da prosa, segundo Brito (2014). Laertios (2008) descreve algumas estórias sobre esse

filósofo destacando assuntos como: conhecimento da natureza, política, previsões, transmigração da alma, Suas obras são conhecidas como a teocosmogonia ferecidiana.

O uso do termo Teologia por Platão é reconhecido, principalmente, porque o filósofo dava um sentido estritamente filosófico e racional à palavra *logos*, usando-a em oposição ao mito, e *theos* definia um ser transcendente, ou uma realidade divina. Já Aristóteles concebeu a Teologia de Platão como uma ciência que busca compreender o ser divino.

A partir do século IV o termo passou a fazer parte do universo cristão, quando os primeiros estudiosos da Igreja Católica relacionaram o significado da palavra à reflexão sobre Deus. De acordo com Rito (1998), foi Agostinho, em sua obra Cidade de Deus, que usou a palavra Teologia num contexto específico cristão, afirmando que Teologia não era apenas um discurso genérico sobre divindade, mas uma reflexão sobre a essência do Deus da Revelação. O *logos* toma forma na pessoa de Jesus, o Verbo encarnado, sendo Theos o Deus da Revelação bíblica. Com Tomás de Aquino, a Teologia passa a ser considerada um saber racional e científico e, a partir da Reforma Protestante a Teologia deixa de ser uma especulação, uma teorização, para se tornar um estudo teológico prático. Lutero usa a palavra Teologia relacionando-a com a história e a vida do cristão.

A doutrina de Deus é bastante ampla, não sendo possível esgotar o assunto, pois nem mesmo os grandes tratados de Teologia o fizeram. Nesse sentido, a Teologia se apresenta em diferentes formatos de estudo que possibilitam a análise do seu objeto, que é conhecer a Deus e à Sua vontade.

Os Ramos da Teologia

O estudo da Teologia apresenta diversos ramos pelos quais se pode analisar o campo teológico. São eles:

- a) **Teologia Exegética:** a palavra “exegética” vem do grego *exégésis* e significa extrair, interpretar ou explicar. Essa teologia procura descobrir o verdadeiro significado das Escrituras;
- b) **Teologia Histórica:** envolve o estudo da História da Igreja e o desenvolvimento da interpretação doutrinária;
- c) **Teologia Dogmática:** representa o estudo das verdades fundamentais da fé como são apresentadas nos credos da Igreja;

- d) **Teologia Bíblica:** traça o progresso da verdade através dos diversos livros da Bíblia e descreve a maneira de cada escritor em apresentar as doutrinas mais importantes;
- e) **Teologia Sistemática:** é o ramo de estudo que trata dos ensinamentos concernentes a Deus e aos homens, apresentados em doutrina específicas. Dentre os ramos de estudos teológicos a Teologia Sistemática apresenta algumas características que são analisadas nas próximas unidades com maior profundidade, devido à sua relevância para a compreensão dos estudos introdutórios à Teologia como estudo da pessoa de Deus.

Objetivos da Teologia

São vários os objetivos da teologia. Os principais são:

1. **Demonstrar a existência de Deus.** O mundo revela-se imperfeito, por isso não pode ter em si a causa do seu ser e do seu operar. Logo, deve-se remontar a um ser perfeito, Deus, que é, sem dúvida, o criador do mundo. Conclui-se, então, que a finalidade primeira da Teologia é demonstrar a existência de Deus, posto que provada já está e dispensa qualquer esforço nesta direção, e produzir conhecimento correto da sua personalidade e do seu caráter;
2. **Explicar o Homem e sua queda.** Entre as coisas criadas, o ser humano merece destaque especial em razão das peculiaridades curiosas e impressionantes do seu existir. Sendo assim, a Teologia procura explicar quem é, o que é e para que o homem, demonstrando e explicando suas peculiaridades existenciais e buscando sempre sua origem primeira e seu fim último. Nessa busca, a mais drástica constatação em conexão ao homem, e que produz consequências tanto no presente, quanto no futuro; é sua queda. Portanto, deve a Teologia explicar a origem, a extensão e a natureza dessa queda;
3. **Explicar a restauração.** A constatação da queda leva à uma necessidade: a de restauração. Esta necessidade depreende-se do fato de que o homem é criatura de Deus e, sendo assim, não deve ter sido feito para a ruína. Por outro lado, verifica-se o empenho que o homem tem feito para desvencilhar-se desse problema. Logo, a restauração é uma necessidade e

uma possibilidade e é algo que somente o Criador pode realizar. A Teologia deve também explicar essa restauração;

4. **Explicar o mundo vindouro e preparar o homem para ele.** É neste ponto que a Teologia é superior às demais ciências, pois enquanto estas lhe dão conhecimento apenas do mundo presente, que é por natureza transitório, a Teologia torna o homem sábio para a posse da vida eterna, preparando-o para viver no mundo vindouro.

História da Teologia

Neste tópico se analisa o processo progressivo da Teologia no transcorrer da história, considerando o período patrístico, a idade média e a Reforma, enfatizando também aspectos encontrados atualmente, na teologia moderna.

1. **O Período Patrístico – 100 a 451 d.C.** No período conhecido como Patrístico, pela participação dos teólogos considerados como Pais da História do Cristianismo, pode-se citar as seguintes contribuições dos teólogos:

a) Justino Mártir (100–165 d.C). Apologia em defesa da fé cristã frente ao paganismo.

LEITURA SUGESTIVA DE ARTIGO (

[Para conhecer mais sobre Justino Mártir, ler artigo: UM FILÓSOFO EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ na Revista PUC-SP https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/](https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/)

b) Irineu de Lion (130–200 d.C). Apologia da fé cristã em face do gnosticismo.

c) Orígenes (185–254 d.C) Apologista. Contribuição em duas áreas: Interpretação alegórica e Cristologia (heresia ariana).

d) Tertuliano (160 –225 d.C). Pai da teologia latina. Unidade do AT e NT. Bases da doutrina da Trindade. Suficiência das Escrituras.

e) Atanásio (296–373 d.C). Cristologia – a Encarnação.

2. **Idade Média.** O estudo bíblico esteve completamente subordinado ao dogma eclesiástico. A teologia Bíblica foi usada apenas para reforçar os ensinamentos dogmáticos da Igreja, os quais eram fundamentados na Bíblia e na tradição da Igreja. A Bíblia era interpretada pela tradição histórica e a Igreja a considerava como fonte da teologia dogmática.

3. **A Reforma.** Os reformadores reagiram contra o caráter não Bíblico da teologia dogmática e insistiram em que a teologia deve estar fundamentada apenas

na Bíblia. Berkhof (2001) diz que o lema dos reformadores era: "A Igreja não determina o que as Escrituras ensinam, mas as Escrituras determinam o que a Igreja deve ensinar". O princípio fundamental era: "Scriptura Scripturae interpres", isto é, a "Escritura é intérprete da Escritura".

4. **Escolasticismo ortodoxo.** Os resultados obtidos pelos estudos históricos da Bíblia, realizados pelos reformadores, logo perderam-se no período imediatamente após a reforma, e a Bíblia foi mais uma vez utilizada sem uma perspectiva crítica e histórica, para servir de apoio à doutrina ortodoxa. A história foi completamente absorvida pelo dogma e a filologia tornou-se um ramo da dogmática.

5. **A Teologia Moderna (1750 d.C. até os dias atuais).** Nesta se enfatiza a interpretação das Escrituras na modernidade e o impacto do Iluminismo na interpretação bíblica. Alguns aspectos são apontados como relevantes no estudo da Teologia moderna, quais sejam:

- a) **Rejeição dos relatos miraculosos.** Os relatos bíblicos envolvendo a atuação miraculosa de Deus como a criação do mundo, os milagres de Moisés etc., passaram a ser desacreditados e frequentemente explicados como naturais. Já que milagres não existem, segue-se que foram fabricações do povo de Israel e depois da Igreja, que atribuem a eventos sobrenaturais coisas que nunca aconteceram historicamente;
- b) **Erros nas Escrituras.** A reação contra o dogmatismo que, segundo os racionalistas, havia prevalecido no período do escolasticismo da pós-reforma, se fez sentir especialmente na área da interpretação das Escrituras. Estudiosos racionalistas começaram a insistir que o "dogma" da inspiração divina da Bíblia deveria ser deixado fora da Exegese, para que a mesma pudesse ser feita de forma "neutra". Eram contra qualquer dogma em geral como pressuposto de leitura da Bíblia, pois entendiam que todas as convicções de caráter teológico tendem a viciar os resultados da pesquisa bíblica. Eram especialmente contrários à doutrina da inspiração, pois ela impedia que a Bíblia recebesse tratamento crítico, como um livro humano;
- c) **Mito.** O conceito de "mito" começa a ser aplicado aos relatos miraculosos do Antigo e Novo Testamentos. Mito era a maneira pela qual a raça humana, em tempos primitivos, articulava aquilo que não conseguia compreender. Segundo os intérpretes críticos, as fontes que os autores bíblicos usaram

estavam revestidas de mitos. Surge o termo "alta crítica" para se referir à essa tarefa de "críticar" o relato bíblico e "limpá-lo" dos acréscimos mitológicos. Outros estudiosos preferiram usar o termo "saga" para se referir às lendas criadas por Israel sobre suas origens e pela Igreja apostólica sobre Jesus;

d) Separação dos dois Testamentos. Houve ainda uma reação dos estudiosos críticos contra a interpretação do Antigo Testamento feita do ponto de vista do Novo, que era a interpretação cristológica defendida e desenvolvida pelos Reformadores. Argumentavam que não se podia usar o Cristianismo como pressuposto para entendimento dos escritos do Antigo Testamento, o qual deveria ser lido como um livro judaico. Os críticos insistiam na separação dos Testamentos para que o Antigo pudesse ser lido sem a interferência do Novo e para que o Novo fosse lido sem a interferência das doutrinas e dogmas da Igreja.

e) A pluralidade da Verdade - O pensamento pós-moderno rejeita o conceito da modernidade de que existam verdades absolutas e fixas. Toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural onde as pessoas vivem. Isso inclui verdades religiosas;

f) A defesa do inclusivismo. O pós-modernismo busca uma sociedade pluralista, onde haja convivência amigável entre visões diferentes e opostas. Isso é pluralismo inclusivista. Espera-se que as opiniões cedam umas às outras, particularmente aos pontos de vista marginalizados que foram calados por gerações pelas vozes dominantes da sociedade. É o caso do ponto de vista feminista, dos homossexuais, das minorias das culturas desprezadas. Isso abriu o campo para as hermenêuticas das minorias, como a hermenêutica feminista, a hermenêutica dos afros-descendentes e a hermenêutica homossexual;

g) O conceito do "politicamente correto". Nessa sociedade pluralista e inclusivista, a opinião e as convicções têm de ser respeitadas – algo com que o cristão bíblico, a princípio concordaria. Mas, para os pluralistas, a razão para esse "respeito", é que a opinião de um, é tão verdadeira quanto à opinião do outro.

Tendências Teológicas da Modernidade

Atualmente, prevalecem algumas tendências teológicas ligadas à Igreja Católica e ao movimento Protestante/Pentecostal.

Teologia Católica

A Igreja Católica defende o uso da teologia e da tradição. A Tradição tem uma parte oral e uma parte escrita que está centrada na Bíblia. As conclusões da Teologia fazem evoluir a compreensão e definição da doutrina católica. Os métodos usados, os tópicos estudados e as suas disciplinas são semelhantes às outras teologias das principais confissões cristãs, algo que tem muito a ver com a sua base comum.

Mas a sua interpretação das verdades reveladas e posterior definição das doutrinas, apresentam diferenças em relação às suas congêneres cristãs, nomeadamente na questão da veneração dos santos e da Virgem Maria, da justificação, da infalibilidade e primazia do Papa, da noção de verdadeira Igreja de Cristo, da composição dos cânones da Bíblia e da validade da Tradição oral.

Teologia Protestante

Entre os fundadores da teologia protestante estão alguns conhecidos como: Martinho Lutero, João Calvino, Ulrico Zwinglio e Filipe Melancton. Suas teologias são como um documento original de fé para os evangélicos ou, pelo menos, deveriam ser.

O conteúdo doutrinal da teologia protestante é o resultado da aplicação sistemática e coerente do princípio que a salvação deriva imediatamente, diretamente e exclusivamente de Deus. Elimina, desta forma, qualquer intermediário possível que não seja Cristo.

A salvação é pela fé na palavra de Deus e o batismo é o atestado do seu perdão. Através deste, os cristãos fazem parte da comunidade dos salvos, isto é, da igreja, que conforme Lutero “é o lugar em que a Palavra de Deus é pregada e ouvida e em que os sacramentos são administrados segundo a instituição de Cristo” (GONZALES, 2008). As boas ações mostram a transformação e as ações do Espírito Santo nas vidas.

Quanto à forma, a teologia protestante dos fundadores tinha caráter bíblico, porém, condenava o uso da razão na teologia, crendo que esta era uma prostituta, filha de Satanás e corrompida, absolutamente incapaz de conhecer a Deus e entender as realidades espirituais. Usava a filosofia na interpretação bíblica e cria no racionalismo como sendo a principal causa da corrupção bíblica. Para os fundadores

a forma de tornar à pureza original era libertar o evangelho da filosofia.

Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação é um movimento sócioeclesial que surgiu na Igreja Católica na década de 1960 e se espalhou entre os evangélicos latino-americanos. Tem como escopo a análise crítica da realidade social e visava, inicialmente, auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos. No entanto, essa visão mantida por seus adeptos chocava contra o Estado, os interesses econômicos e até mesmo a hierarquia da instituição Católica.

Essa corrente teológica engloba diversas teologias cristãs que se desenvolveram no terceiro mundo e nas periferias pobres do primeiro mundo a partir dos anos 70 do século XX. Segundo Tamayo (1999) seu marco inicial é a América Latina.

Essas teologias utilizam como ponto de partida uma reflexão da situação de pobreza e exclusão social à luz da fé cristã. A situação de pobreza é denunciada como pecado estrutural e essas teologias propõem o engajamento político dos cristãos na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Contudo, a pobreza e a exclusão social são percebidas como produto de estruturas econômicas e sociais injustas, recebendo influência nessa percepção das ciências sociais, especialmente a teoria da dependência, de inspiração marxista.

Na Teologia da Libertação, o pobre é considerado não um objeto de caridade, mas o sujeito de sua própria libertação. Os teólogos que adotam essa teologia propõem uma pastoral baseada em comunidades eclesiais de base, nas quais os cristãos das classes populares se reúnem para articular fé e vida, e juntos se organizam em busca de melhorias de suas condições sociais, através da militância no movimento social ou através da política. As CEB são consideradas uma nova forma de ser igreja, que incentiva a vivência comunitária solidária e participativa, especialmente pelo envolvimento político dos cristãos (XAVIER, 2009a).

Lacerda (2006) afirma, sobre a TL, que os defensores dessa teologia mostram traços políticos marcantes com relação ao socialismo, tendo no marxismo seu elemento nuclear, este adotado como meio de analisar a realidade estrutural da igreja e da sociedade em meio ao combate às desigualdades sociais que eles atribuem ao capitalismo.

O método e opções políticas da TL tornam essa teologia extremamente

controversa pelas suas implicações para a igreja e para a sociedade. Após a redemocratização das sociedades latinoamericanas, a queda do muro de Berlim, as transformações socioeconômicas derivadas da globalização e o avanço do neoliberalismo, essa teologia perdeu parte de sua combatividade política e social.

No campo teológico, os estudos se baseiam em dois fundamentos bíblicos básicos, a saber: a saída do povo de Deus do Egito, após mais de quatrocentos anos, cujo sofrimento sob o sistema escravocrata foi retirado pela ação libertadora da liderança religiosa de Moisés; e a vida de Cristo, que veio ao mundo com a tarefa de libertar o ser humano do seu estado de sofrimento, mostrando o Reino de Deus a ser estabelecido na Terra.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS:

[Uma breve compreensão da origem e propósito da teologia da libertação, nas palavras de Leonardo Boff, ver o vídeo: **Teologia da Libertação**. Disponível em: <https://www.youtube.com › watch>]

[Para saber o posicionamento da Igreja Católica sobre a teologia da libertação ver no vídeo: **Por que a Igreja não acabou com a teologia da libertação?** Disponível em: <https://www.youtube.com › watch>]

Teologia da Prosperidade

Também conhecida como confissão positiva, palavra da fé, movimento da fé e evangelho da saúde e da prosperidade, é um movimento religioso surgido nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos da América. Sua doutrina afirma, a partir da interpretação de alguns textos bíblicos como: Gênesis 17.7, Marcos 11.23-24 e Lucas 11.9-10, que os que são verdadeiramente fiéis a Deus devem desfrutar de uma excelente situação na área financeira, na saúde, e em outras áreas. A TP apresenta um conjunto de princípios que afirma que o cristão tem o direito a obter felicidade integral e de exigir essa condição, devendo, para tanto, confiar incondicionalmente em Jesus de Nazaré. Segundo Mariano (1999, p. 51), “a TP reúne crenças sobre poder e cura, prosperidade e poder da fé”.

A doutrina surgiu na década de 40 com o estadunidense Essek William Kenyon, que, embora tivesse pouco conhecimento teológico formal, pastoreou diversas igrejas batistas, metodistas e pentecostais, ficando, mais tarde, desligado de qualquer igreja. Ele foi influenciado por seitas metafísicas, tais como: Ciência da Mente, Ciência Cristã

e Novo Pensamento (este originou o Movimento da Fé). Esses ensinamentos afirmam que há poder na mente e na palavra, por isso, tudo que dissermos se torna realidade (XAVIER, 2009b).

Somente na década de 1970 a TP se constituiu como movimento doutrinário, quando “encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs” (MARIANO, 1999, p. 51).

Seu maior divulgador foi Kenneth Hagin, que liderou o movimento de Confissão Positiva e influenciou a muitos pregadores nos Estados Unidos que ganharam reconhecimento mundial, como Kenneth Copeland, Benny Hinn, David (Paul) Yonggi Cho, entre outros. A partir dos anos 70 e 80, a TP se estendeu a muitos países, incluindo Portugal, onde se destacou Jorge Tadeu, fundador da Igreja Maná, e também o Brasil, especialmente entre os pentecostais e neo-pentecostais.

No Brasil, as maiores igrejas desse movimento são a Igreja Universal do Reino de Deus, o Bispo Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus, do Missionário R.R. Soares, a Igreja Mundial do Poder de Deus, do Apóstolo Waldemiro Santiago (dissidente da Igreja Universal), a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, fundada por Estevam e Sônia Hernandez, e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, de Valnice Milhomens.

LEITURA SUGESTIVA

Para saber mais sobre a Teologia da Prosperidade ver artigo em <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/202/203>. XAVIER, Érico Tadeu. *Teologia da prosperidade: história, análise e implicações*. Kerigma – Revista Eletrônica de Teologia. v. 5, n. 2, p. 120-147.

Teologia da Esperança

Jürgen Moltmann foi o criador da Teologia da Esperança. Em sua obra Teologia da Esperança (*Theologie der Hoffnung*), escrita em 1964, ele aborda o tema da esperança como sendo um elemento hermenêutico que está no centro da teologia. Ao escrever, segundo ele: “já não mais teorizava sobre a esperança, mas a partir dela” (MOLTMANN, p.170).

Em 1964 Jürgen Moltmann publicou sua Teologia da Esperança contendo como subtítulo Pesquisa Sobre os Fundamentos e Sobre as Implicações de uma

Escatologia Cristã. Esta obra “enunciava o princípio teológico da primazia da esperança e traçava as linhas de uma cristologia escatológica e de uma eclesiologia messiânica” (GIBELLINI, p. 282).

Em sua teologia ele aborda a escatologia, onde a esperança tem seu objetivo cumprido. Segundo seu conceito, a esperança cristã é criativa: “Nós não somos só intérpretes do futuro, mas já os colaboradores do futuro, cuja força, na esperança como na realização, é Deus”.

Moltmann inspirou-se na Filosofia da Esperança de Ernest Bloch. Aplicando à escatologia a categoria de futuro de Bloch, ele desejava uma renovação na teologia cristã e na praxis da comunidade cristã.

Jürgen Moltmann é o teólogo que articula um projeto de teologia escatológica desenvolvida como doutrina da esperança e da práxis da esperança. A Teologia da Esperança baseia-se na Ressurreição do Cristo crucificado. A cruz, que representa os nossos sofrimentos, mostra a profundidade da esperança cristã. A cruz tem sua importância, porém, na cristologia escatológica de Jürgen Moltmann, é um estado intermediário do caminho de Cristo.

Enquanto a cristologia tradicional está voltada para o passado, a cristologia de Jürgen Moltmann está voltada para um futuro em Cristo. Esse futuro de Cristo traz algo radicalmente novo sem estar separado da realidade presente, isto é, como um futuro “virtual”, ele exerce influência sobre o presente despertando esperanças.

A esperança cristã espera do futuro de Cristo algo novo que ainda não ocorreu, espera que se cumpra em todos a justiça de Deus que foi prometida por meio Dele para frente e, por isso mesmo, renovação, e transformação do presente. Em todo o Novo Testamento, a esperança cristã se dirige para o ainda não visível, o “esperar contra a esperança” que julga o visível e experimentável como uma realidade abandonada por Deus e a ser superada (MOLTMANN, 2005).

A esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão. É nessa contradição que a esperança deve mostrar sua força.

Muito mais significativo é apresentar a esperança como o fundamento e a mola mestra do pensamento teológico em geral e introduzir as perspectivas escatológicas nas afirmações sobre a revelação de Deus, sobre a ressurreição de Cristo, sobre a

missão da fé e sobre a história. A ressurreição é a prefiguração do algo novo que há de vir.

Teologia Neopentecostal

O neopentecostalismo é uma vertente do evangelicalismo que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, presbiterianos e outros).

O movimento pentecostal surgiu no início do século XX, na Rua Asuza, nos Estados Unidos. Na década de 1960, o neopentecostalismo tomou forma, também nos EUA, não como uma denominação estruturada, mas como um movimento considerado extremamente plural e dinâmico diferindo, portanto, do pentecostalismo original, abarcando grupos distintos, os quais podem adotar liturgias também distintas, estilo de governo e costumes particulares (MARIANO, 1999).

No Brasil, o movimento neopentecostal surgiu na década de 1970, entre os pentecostais e católicos (o movimento católico é chamado carismático, ou Renovação Carismática). Embora sua matriz seja protestante suas características peculiares se distanciam teologicamente das igrejas protestantes históricas e das pentecostais clássicas, em muitos aspectos, ressaltando a Teologia da Prosperidade e sua compreensão eclesiológica. O neopentecostalismo brasileiro se difundiu a partir da Igreja Universal do Reino de Deus sendo seguido pela criação de diversas denominações com propostas semelhantes, o que, segundo Lanza, Wiik e Morais (2015, p. 179), enfraqueceu os “modelos religiosos progressistas e tradicionais do campo protestante brasileiro”.

No Brasil, as igrejas mais representativas dessa corrente são: Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Internacional da Graça de Deus; Igreja Renascer em Cristo; Igreja Mundial do Poder de Deus; Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra; Igreja Batista Nacional; e Ministério Internacional da Restauração.

As igrejas neopentecostais se baseiam em uma doutrina conhecida como "confissão positiva", também chamada Teologia da Prosperidade. O Dicionário dos Movimentos Pentecostal e Carismático define esse termo da seguinte maneira:

Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e a inspiração de Essek William Kenyon. A expressão "confissão positiva" pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão "confissão positiva" se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão. (BURGESS; MCGEE, 1988).

Segundo Romeiro (2007, p.19), a teologia neopentecostal “é a corrente doutrinária que ensina que uma vida medíocre do cristão indica falta de fé”. Assim, a marca do cristão cheio de fé e bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença são resultados visíveis do fracasso do cristão que vive em pecado ou que possui fé insuficiente.

Outros ensinamentos comuns em igrejas neopentecostais são: a batalha espiritual (confronto espiritual direto com os demônios), maldições hereditárias, possessão de crentes (domínio demoníaco sobre as pessoas, resultando em doenças ou fracasso), entre outros aspectos. Justamente a ênfase que as denominações neopentecostais dão a esses ensinamentos que as levam a ser bastante criticadas pelas demais denominações protestantes e por teólogos que associam o sucesso do movimento à pulverização teológica disseminada por Mary Baker e Essek W. Kenyon que misturou o gnosticismo das religiões metafísicas com o cristianismo pentecostal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNIDADE 1 teve como principal objetivo apresentar uma visão geral da teologia. Foram apresentadas três definições da palavra teologia. A definição Etimológica, a definição Técnica e a definição Filosófica. Compreendeu-se que a teologia tem vários ramos como Teologia Exegética, Teologia Histórica, Teologia Dogmática, Teologia Bíblica e Teologia Sistemática.

O trabalho apresentou os objetivos da Teologia Moderna e a História da Teologia no Período Patrístico, na Idade Média, na Reforma, no Escolasticismo Ortodoxo e na Teologia Moderna.

Discutiu-se as Tendências Teológicas da Modernidade ligadas ao Catolicismo, ao Protestantismo e ao Pentecostalismo. Várias teologias foram analisadas como a Teologia da Libertação, Teologia da Prosperidade, Teologia da Esperança e Teologia Neopentecostal.

A teologia se apresenta em diferentes formatos de estudo que possibilitam a análise do seu objeto, que é conhecer a Deus e à Sua vontade.

HORA DE REVISAR

O estudo teológico apresenta objetivos que visam a explicar questões relacionadas com Deus, com o homem, com o pecado, com a obra de salvação, dentre outros temas que têm sido abordados por diferentes estudiosos ou teólogos. A

discussão sobre as tendências teológicas atuais é importante para que sejam reconhecidas as que se fundamentam na Palavra de Deus e distinguir as que se afastam da Verdade. Muitas teologias modernas inseriram ao contexto bíblico suas próprias interpretações, mesclando políticas, ideologias e outros fatores que não mostram características cristãs que tenham a Cristo como seu fundamento de fé e regra.

Na perspectiva do estudo teológico sério, a Bíblia exorta aos que são sinceros que estudem a Palavra de Deus para que estejam preparados a tempo e fora de tempo, a prestar testemunho de sua fé, de modo que, com propriedade e conhecimento, repreenda, corrija, exorte com paciência e doutrina, fazendo a obra de um evangelista (1Pd 3:15; 2Tm 4:1-2;5).

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006a.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Cultura Cristã: São Paulo, 2001.

BERKOUWER, G. Cornelis. **Man, The Image of God**. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1965.

BURGESS, Stanley; MCGEE, Gary. **Dictionary Of Pentecostal And Charismatic Movements**. EUA: Regency, Vanderson, 1988.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do Século XX**. Trad. João Peixoto Neto. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GONZÁLES, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. São Paulo:Hagnos, 2008.

LACERDA, Lucelmo. Marxismo e teologia da libertação: uma reflexão (im) pertinente. **x Encontro de Iniciação Científica e VI Encontro de Pós-Graduação: Programas e Resumos**, 19-20 out. São José dos Campos: Univap, 2006.

LANZA, Fabio; WIIK, Flavio Braune; MORAIS, Edison Elias. Neopentecostalismo: uma interpretação a partir da teoria da prática. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, RS, v. 51, n. 2, p. 173-181, mai/ago. 2015.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. *My theological career*. In: _____. **History and the triune god**: contributions to trinitarian theology. Londres: SCM Press, 1991.

_____. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Loyola, 2005.

RITO, Honório. **Introdução à teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

TAMAYO, Juan José. Teologias da libertação. In: **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

XAVIER, Érico T. **A eclesiologia missiológica de Orlando Costas e sua relação com assuntos contextuais da América Latina**. Programa Doctoral Latinoamericano: Prodola. Universidad Evangélica De Las Américas, 2009a.

_____. Teologia da prosperidade: história, análise e implicações. **Kerygma**, a. 5, n. 2, p. 120-147, 2, sem. 2009b.

UNIDADE 2 - TEONTOLOGIA E TEOLOGIA

Objetivos:

- **Compreender o que é Teontologia.**
- **Conhecer os principais atributos de Deus.**
- **Ponderar sobre a teoria criacionista e a teoria evolucionista.**

Vamos para o conteúdo da segunda Unidade:

A Teontologia é um neologismo feito a partir de **THEOS**, “Deus”, **ONTÓS**, “ser, entidade”, mais **LOGOS**, “estudo, tratado”. Lida especificamente com o ser Deus. Já teologia lida com os atributos divinos e suas relações com o Universo. A Teontologia busca estudar a Deus e às obras Dele. White (1995, p. 92) afirma: “Que ninguém se aventure a explicar a Deus”, querendo salientar que o homem não consegue explicar Deus totalmente, quer pela ciência, quer pela filosofia, quer pela subjetividade humana. Nos estudos teontológicos, sistemáticos, não se trata de querer explicar quem é Deus ou provar Sua existência, e sim, estudar a pessoa de Deus, Suas características, Seu caráter.

O estudo teontológico, portanto, auxilia na compreensão de Deus, de Sua natureza, Seu caráter e Suas obras. Nessa perspectiva, Horton (1996, p. 125) respalda o verdadeiro sentido de buscar conhecer a Deus: “Nossa maneira de compreender a Deus não deve basear-se em pressuposições a respeito Dele, ou em

como gostaríamos que Ele fosse. Pelo contrário: devemos crer no Deus que existe, e que optou por se revelar a nós através das Escrituras”.

Evidências da Existência de Deus

A existência de Deus é um fato incontestável quando analisado a partir das evidências criacionistas e escriturísticas. A Bíblia não se preocupa em provar a existência de Deus, mas começa seu primeiro versículo mostrando a Deus como o principal Personagem em todo o universo: **“No princípio criou Deus os céus e a terra”** (Gn 1.1). Deus existe desde a eternidade e Ele é a Origem de tudo, é quem tudo governa e sustenta.

Tanto no Velho Testamento quanto no Novo Testamento há referências a Deus, comprovando Sua existência: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Dt 4:6; Is. 45: 5,6). “Há um Deus, o Pai”, (1 Co 8:6).

A Bíblia afirma que “Ele é o único Deus (Dt 6:4) e que “fora Dele não há outro” (Dt 4:35; Is 42:8; 44:6-8). Verdadeiramente, “só o Senhor é Deus” (1Rs 18:39).

Uma das consequências do pecado é que o “deus” deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que não vejam a glória de Deus (2Co 4:4). Nessa cegueira espiritual, os homens fizeram deuses e senhores para si, como afirma Paulo: “há muitos deuses e muitos senhores” (1Co 8:5).

Horton (1996, p. 125) afirma que: “O ser humano tende a criar falsos deuses, nos quais é fácil crer; deuses que se conformam com o modo de viver e com a natureza pecaminosa do homem. Essa é uma das características das falsas religiões”. Este autor ainda salienta que a Bíblia traz a autorrevelação divina, ou seja, é a única fonte de pesquisa que permite saber que Deus existe e como Ele é.

Estudiosos, filósofos, pessoas em geral tentam, muitas vezes, negar a existência de Deus. Porém, negar a Deus é tolice, pois tanto como querer negar a existência do Sol por não o ver em dias chuvosos, quando está coberto por nuvens, assim é afirmar que Deus não existe: “Disse o néscio em seu coração: não há Deus” (Sl 14:1); e ainda: “por causa do seu orgulho, o ímpio não investiga; todas as suas cogitações são: não há Deus” (Sl 10:4).

O salmista chama a atenção para que se investigue a respeito de Deus para que possa crer em Sua existência: “É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe” (Hb 11:6). Os que crerem em Deus e O buscarem legitimamente experimentarão um conhecimento mais prazeroso: “Ele é galardoador

dos que O buscam” (Hb 11:6) Há, portanto, necessidade de conhecê-Lo e prosseguir em conhecer ao Senhor (Os 6:4).

Dentre as evidências de que Deus realmente existe estão alguns fatores que determinam a experiência do cristão com relação à análise teológica da questão, destacando-se, aqui, algumas:

- a) **a crença universal em um ser supremo.** Não existe nenhuma raça humana que não tenha alguma noção de um ser supremo, um deus, e que, através das suas religiões procuram se aproximar dele e agradar-lhe, retratando-se com ele por meio de sacrifícios, até de sangue ... Muitas vezes é realmente um “deus desconhecido” e na sua cegueira estão tateando para achá-lo (At 17:23,27).

Essa crença em um ser supremo revela que: “O que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta” (Rm 1:19). Realmente, o homem foi criado por Deus conforme a Sua imagem (Gn 1:26). Ele tem em si partículas desta sua origem divina e, por isso, existe nele uma necessidade de um contato com a sua origem – Deus;

- b) **a consciência humana,** aspecto íntimo do homem que dá uma sentença moral sobre os seus atos praticados, sejam bons ou maus, fala da existência de uma origem superior que no homem fez registrar os princípios da lei divina. “Porque quando os gentios que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei [...] os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os” (Rm 2:14,15). A consciência universal nos faz compreender que o Ser supremo é um Ser Moral;
- c) **a criação do mundo** e tudo o que nele há fala da existência de um Criador: “Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl 19:1); “O seu eterno poder como a sua divindade se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas” (Rm 1:20). Como um relógio fala da existência de um relojoeiro, assim a criação fala de um Criador que é poderoso;
- d) **A Bíblia,** a revelação divina escrita, revela claramente a existência de Deus. Na Bíblia temos um documento autenticado que nos faz conhecer a Deus através da Sua própria revelação. Assim como alguém que quiser conhecer história, ciência ou qualquer outra matéria, procura estudar a

literatura adequada para conseguir o conhecimento desejado (Hb 1:1,2 e Jo 17:6 – 9);

- e) **Jesus, o Filho de Deus**, cuja existência e vida neste mundo estão historicamente comprovadas, veio para revelar Deus aos homens (Lc 10:22) e O fazer conhecer. Jesus disse: “Quem me vê a mim, vê ao Pai” (Jo 14:9). O caminho mais curto para conhecer a Deus é Jesus, porque ele é o caminho para Deus (Jo 14:6);
- f) **Uma experiência pessoal da salvação**, por meio do sangue de Jesus Cristo, faz que cheguemos perto de Deus (Ef 2:13), e isso fornece a absoluta certeza da existência de Deus, porque o Espírito do seu Filho clama em nós: “Aba Pai” (Gl 4:6) e nós podemos com toda a tranquilidade no coração orar: “Pai nosso que está nos céus” (Mt 6:9).

Os Atributos de Deus

Atributo é uma característica essencial de um ser. Aquilo que lhe é próprio. Os atributos de Deus são singulares e perfeitos; só Ele os tem de modo absoluto.

Alguns atributos de Deus O revelam ao conhecimento do homem de forma clara, o que torna importante reconhecer esses atributos nos estudos teológicos.

Deus Revelado Através dos Atributos de Sua Divindade

1. **Ele é Deus vivo** (Jr 10:10). A vida é uma expressão de existência, seja terrestre ou eterna. Quem tem vida, tem condições de se comunicar com outros que têm vida. Enquanto os “deuses” feitos por mãos de homens, têm boca, mas não falam, têm olhos, mas não veem, têm ouvidos, mas não ouvem, têm nariz, mas não cheiram (Sl 115:4-8), o nosso Deus está nos céus, faz tudo que lhe apraz (Sl 115:3). Por isso, os homens, pelo Evangelho estão convidados a se converterem dos ídolos para o Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1:9; At 14:15). E os que assim o fazem pertencem à igreja do “Deus vivente” (2Co 6:16).
2. **Deus é também a fonte da vida**. Ele tem a vida em si mesmo (Jo 5:26) e “dá a todos a vida e a respiração e todas as coisas” (At 17:25) no sentido terrestre. E a todos que O conhecerem por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou, Ele dá a vida eterna (Jo 17:3; 1 Jo 5:20). E esta vida é a luz do mundo (Jo 1:4).

3. **Deus tem personalidade.** Enquanto várias filosofias agnósticas, entre elas, o panteísmo, afirmam que Deus é somente uma “força impessoal”, ou que “Deus é a natureza”, e que ele se identifica com a sua criação, isto é, onde está a criação, aí está Deus etc., a Bíblia revela Deus como um ser divino que possui todas as características de uma pessoa. Jesus veio revelar aos homens o Seu Pai (Lc 10:22) e fazê-lo conhecido (Jo 1:16).

A respeito da personalidade do Seu Pai, Jesus revelou algumas coisas que podem esclarecer esse aspecto:

- a) **Jesus falou de Deus muitas vezes como sendo o seu Pai.** Ele disse: Meu Pai e vosso Pai (Jo 20:7). Foi Jesus quem nos ensinou a orar Pai nosso (Mt 6:9). Quem é Pai é uma personalidade;
- b) **Jesus usou pronome pessoal** quando falou de Seu Pai, centenas de vezes. Ele disse: Todas as tuas coisas são minhas e as minhas são tuas; “Vou para ti” (Jo 17:10,11). O uso de pronomes pessoais subentende a sua personalidade;
- c) **Jesus falou de atividades de seu Pai que só são atribuídas a uma pessoa.** Ele disse: Meu Pai trabalha (Jo 5:17); o meu Pai ama (Jo 3:35); o meu Pai me enviou (Jo 6:29); o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo (Jo 5:20). Falou da vontade de seu Pai (Jo 6:39,40) etc. Expressões que só se atribuem a uma pessoa. Assim, necessariamente Ele é uma Pessoa;
- d) **Jesus disse: Meu Pai é o Lavrador** (Jo 15.1), nome que só é atribuído a uma pessoa com personalidade. DEUS falou muitas vezes de Si mesmo usando vários nomes que, por si, revelam a sua perfeita personalidade. Ele disse, quando Moisés perguntou: Qual é o seu nome? “Eu sou o que sou”. E disse mais: “Assim dirás aos filhos de Israel. EU SOU me enviou a vós” (Ex 3:14). É impossível imaginar uma expressão mais forte de uma personalidade do que esta!
- e) **Deus é Eterno.** Eternidade é o infinito quanto ao tempo. Deus é o Criador e, ao contrário da criação, Ele nunca foi criado porque não teve início. A Bíblia esclarece: “Mas o Senhor Deus é a verdade, Ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno” (Jr 10:10). Quando Abraão plantou um bosque em Berseba ele invocou o nome do Senhor, Deus eterno (Gn 21:33). Quando Moisés despediu-se, abençoando as tribos de Israel, o fez no nome de “Deus eterno” (Dt 33:27). Romanos 16:26 também fala sobre o “Deus eterno”. Deus não

tem início: “De eternidade a eternidade tu és Deus” (Sl 90:2; 1Cr 29:10; Hc 1:12). Ele tem auto existência, um atributo do eterno Deus. Ele não deve a Sua existência a ninguém, porque é o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (Ap 1:8; Is 41:9). Ele é Jeová (nome usado 6.437 vezes) “a eterna auto existência do único Deus”.

- F) **Deus não está sujeito ao tempo.** Para Ele, o passado, o presente e o futuro são eternos “presente”. O domínio e o poder pertencem ao único Deus, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre (Jd v.25). Por isso é que, um dia para o Senhor é como mil anos e mil anos como um dia (2Pe 3:8). Os anos de Deus nunca terão fim (Sl 102:27). Ele é o Rei dos séculos (1Tm 1:17). Deus habita na eternidade (Is 57:15) e seu trono é desde a eternidade (Sl 93:2). O eterno Deus não se cansa (Is 40:28). Este eterno Deus é o nosso Deus;
- g) **Deus é imortal,** logo, Ele é eterno (1Tm 1:17;6:16). Ele permanece para sempre (Sl 102:12). Os sacerdotes foram impedidos pela morte de permanecer no seu serviço (Hb 8:23) mas Deus é para sempre. Os deuses deste mundo tiveram o seu princípio e o seu fim, e os que ainda não findaram findarão, mas Deus é imortal, ele é para sempre;
- h) **Deus é imutável** (Sl 102:27; MI 3:6; Tg 1:17 ; Hb 1:12; 6:17,18). O Senhor é o mesmo (Hb13:8.) Nunca pode mudar. Deus não pode melhorar, porque sempre foi perfeito. Ele jamais pode tomar atitudes que não condizem com a Sua perfeita personalidade. Ele não pode negar a Si mesmo (2 Tm 2:13);
- j) **Deus é Espírito.** Jesus veio para revelar Deus aos homens, e disse: “Deus é espírito” (Jo 4:23). Não disse: Deus é “um espírito”, mas “espírito” Que significa isto?

Significa que Ele não tem corpo de substância material, um corpo com sangue e carne; Ele tem um corpo espiritual (1Co 15:44). Embora o corpo espiritual tenha forma, porque Jesus veio em “forma de Deus” (Fp 2:6) e foi a expressa imagem da Sua pessoa (Hb 1:3; 2Co 4:4; Cl 1:15), não podemos imaginar qual seja esta forma, embora a Bíblia fale do rosto de Deus (Ex 33:20), de sua boca (Nm 12:8), de seus lábios (Is 30:27), olhos (Sl 11:4; 18:24), ouvidos (Is 59:1), mãos e dedos (Sl 8:3-6), pés (Ez 1:27) etc., não devemos, por isso, procurar materializar a Deus e, na nossa mente criar para nós uma imagem de Deus correspondente com estas expressões, comparando-as com um corpo humano.

A Bíblia diz que nós não devemos cuidar que a divindade seja semelhante à forma que lhe é dada pela imaginação dos homens (At 17:29). E Deus adverte: “Guardai-vos para que não vos corrompais e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem, figura de macho ou de fêmea” (Dt 4:15,16). Esta tentação provém do desejo de procurar materializar a Deus. Deus é espírito e a sua natureza é essencialmente espiritual. Ele jamais está sujeito à matéria. Nós também não devemos procurar chegar a alguma imagem ou visão física de Deus, mas esperar aquele grande dia, quando nós O veremos como Ele é (1Jo 3:2; 1Co 13:12).

Nota: devemos lembrar que as palavras *BASHAR* (Hebraico) e *SARKS* (Grego) para carne, jamais são usadas na Bíblia para Deus.

k) **Deus é imenso.** Imensidade é o infinito quanto ao espaço. Assim como é impossível imaginar a forma de Deus é também impossível medir, ou pesar, ou fazer algum cálculo, a respeito de Deus. Não existem números ou expressões que podem nos fazer compreender Deus (Sl 71:15; 40:5; 139:6,17,18). Medida nenhuma pode dar uma ideia da Sua grandeza (Jo 11:9; 1Rs 8:27). Nenhum cálculo de peso pode fazer-nos compreender o Seu “peso de glória” (2Co 4:17). Deus é espírito, e na Sua imensidade não está sujeito ao espaço;

l) **Deus é invisível** (Rm 1:20, Cl 1:15). Sendo Deus espírito, a matéria não pode vê-lo. Isto não impede que Ele esteja presente no meio do seu povo. Não somente Noé (Gn 5:9) ou Enoque (Gn 5:24) andavam com o Deus invisível. É o privilégio de cada crente (Cl 2:6; 1Ts 4:1), “porque andamos por fé e não por vista” (2Co 5:7).

Deus é uma Tri-Unidade

Uma das grandes doutrinas da Bíblia diz respeito à Trindade. A palavra “tri-idade” ou “Trindade” não aparece na Bíblia, mas nas Escrituras Sagradas Deus é único no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Essa verdade é encontrada na Bíblia desde os primeiros versículos (Gn 1:1-3) até o último capítulo (Ap 22:3,17).

Nos últimos tempos têm surgido doutrinas falsas que negam esta doutrina essencial, o que já foi previsto pelas Escrituras (1 Jo 2:18-23), motivo por que devemos conhecer bem o que a Bíblia ensina sobre isto.

1. A Bíblia afirma que **há um só Deus**.

a) “O Senhor, nosso Deus, é o único Deus” (Dt 6:4). Jesus afirma: Deus é o único Senhor (Mc 12:29). A doutrina do monoteísmo (crença em um

só Deus) é o 1º Mandamento da Lei (Ex 20:2,3) sendo, por isso, intocável. Embora os homens tenham criado muitos deuses e muitos senhores, a Bíblia revela que há somente um Deus (1 Co 8:5,6);

- b) A Bíblia usa em Gn 1:1 e em mais 2.700 outras passagens, a palavra *ELOHIM* para expressar **DEUS**. *Elohim* é um substantivo na forma plural, isto é, que inclui uma pluralidade de personalidades. A palavra “**único**” ligada a Deus (Dt 6:4), vem da palavra hebraica “*Echad*” que indica uma unidade composta. Quando esta palavra é usada no sentido absoluto, é empregada a palavra “*yachid*”;
- c) Quando Deus fala de Si, em várias ocasiões, ele usa a forma plural, demonstrando claramente que Ele possui um atributo único de ser Deus nas três pessoas: “Façamos o homem” (Gn 1:26); “Eia desçamos” (Gn 11:7), “quem há de ir por nós?” (Is 6:8).

2. Três Pessoas na Bíblia, o **Pai**, o **Filho** e o **Espírito Santo**, são chamadas “**Deus**”.

- a) Deus o Pai (1Co 8:6; Ef 4:6), Deus o Filho (1Jo 5:20; Is 9:6; Hb 1:8) e Deus o Espírito Santo (At 5.3,4);
- b) Todos os três são Pessoas distintas, com personalidades. Para todos três se usam pronomes pessoais. Deus Pai (Is 44:6); Deus Filho (Mc 9:7); e Deus Espírito Santo (Jo 16:13). Os três são mencionados em João 14:16. A todos são atribuídas características que só pessoas podem ter. Os três falam, amam, sentem, chamam, ouvem, entre outros aspectos.

Atributos em Relação à Criação

Deus é uma Personalidade Divina que pode e quer se comunicar com a Sua criação. A Bíblia manifesta os três atributos absolutos de Deus nessa Sua comunicação, quais sejam: Sua onipresença, Sua onisciência e Sua onipotência.

- a) **Deus é onipresente.**

O que significa a onipresença de Deus? O próprio Deus revela: Não encho eu os céus e a terra? (Jr 23:24; Sl 72:19). O rei Salomão disse, na sua inspirada oração: “Eis que os céus e até o céu dos céus te não poderiam conter” (1Rs 8:2). Isto fala da onipresença de Deus, a qual é possível porque Ele é espírito (Jo 4:24). Ele não está sujeito a matéria. Para Ele não existe espaço nem tempo. Ele se move

com a mesma facilidade que o nosso pensamento, que num momento pode estar num lugar e no mesmo momento noutra lugar. Assim como o ponto de uma circunferência está à mesma distância de qualquer ponto da periferia, assim também Deus está perto de qualquer ponto do universo (BERGSTÉN, 1999). A Bíblia diz sobre Deus: "Seus olhos passam por toda a terra" (2Cr 16:9). Não existe portanto um "Deus nacional" ou "Deus local", porque ele é o Deus do Universo. Por isto está escrito: Ele não está longe de nenhum de nós, (At 17:27; Rm 10:6-8).

Aplicações práticas da onipresença de Deus:

1. Deus está em todo o lugar. "Os olhos do Senhor estão em todo o lugar" (Pv. 15:3) e Ele "está vendo todos os filhos dos homens" (Sl 33:13). Por isso não é possível alguém se esconder de Deus. "Esconder-se-ia alguém em esconderijos de modo que eu não o veja?" (Jr 23:2; 16:17; Am 9:2,3; Sl 139:7-10). Deus vê e está presente, ainda que alguém diga: "Senhor não nos vê" (Ez 9:9; Hb 4:13);
2. Deus está presente em todo o lugar e, por isso, podemos chamá-lo para ser a nossa testemunha (Rm 1:9). A Bíblia diz: "A testemunha no céu é fiel" (Sl 89:37). Nos caminhos do Senhor, a sua presença irá conosco (Ex 33:14,15), e na sua presença há abundância de alegria (Sl 16:11);
3. Deus está presente na hora da angústia (Sl 46:1; 86:15). Por isso, a angústia do seu povo é também a angústia dele (Is 63:9). A ajuda de Deus está perto (Sl 121:1-5);
4. A onipresença de Deus explica porque Ele se manifesta, quando os crentes se reúnem. "Ele é a plenitude daquele que enche a tudo em todos" (Ef 1:23). Ele habita na sua igreja (1Co 3:16; 2Co 6:16). "Os retos habitarão na sua presença" (Sl 140:13). "Eis que estou convosco" (Mt 28:20);
5. A manifestação de Deus na vida de oração é explicada, também, quando nos lembramos da Sua onipresença. Ele está perto dos que O invocam (Sl 145:18; Is 57:15). Ele sabe o que precisamos antes de pedirmos (Is 65:24). "Que gente há tão grande que tenha deuses tão chegados como o Senhor nosso Deus todas as vezes que o chamamos?" (Dt 4:7).

b) Deus é onisciente.

1. **A onisciência é um atributo que só Deus tem.**

“Deus conhece todas as coisas” (1Jo 3:20). “O seu entendimento é infinito” (Sl 145:5). A Sua onisciência não é um resultado de Seu esforço de aprender, ou coisa que alguém tenha lhe favorecido. Não existe nenhum que tenha dado algo para aumentar o saber de Deus (Rm 11:35; Jo 41:11). Até o maior grau de sabedoria ou ciência que um homem possa atingir, tem tudo em Deus a sua origem (1Co 4:7).

2. A onisciência de Deus abrange todo o passado.

Não existe mistério nenhum no passado que para Deus já não esteja revelado (Mt 10:26; 1Co 4:5; Lc 8:17). Até todos os pecados ocultos “manifestam-se depois” (1Tm 5:24). A única maneira de evitar esta “manifestação” é em tempo pedir reconciliação a Deus, através do sangue de Jesus (1Jo 1:7,9).

3. A onisciência de Deus abrange tudo no presente.

Deus conhece tudo a respeito de todo homem. Davi disse. “Tu conheces bem a teu servo ó Senhor Jeová” (2Sm 7: 20). Deus sabe o nosso nome, e a nossa morada (Ap 2:13). Ele conhece a nossa estrutura (Sl 103:14), e os nossos corações (At 15:18; Lc 16:15) pois Ele os esquadrinha (1Cr 28:9), e conhece todo o segredo (Sl 44:21). Ele conhece os nossos pensamentos, Sl 139:1-4), e as nossas palavras (Sl 139:4: e os nossos caminhos estão perante os olhos do Senhor (Pv 5:21; Jo 34: 21). Ele até conhece o número dos nossos cabelos (Mt 10:30). Assim Ele conhece as nossas necessidades (Mt 6:22; Lc 12:30), e tem a solução para todos os nossos problemas.

Deus também conhece tudo sobre a natureza. Sabe os nomes de todas as estrelas, coisa que astrônomo nenhum jamais pode conhecer (Is 40:26; Sl 147). Até os passarinhos são conhecidos, e nenhum deles está esquecido diante de Deus”, (Lc 12:6; Mt 10:29).

A onisciência de Deus abrange também o futuro.

Esta parte da sua onisciência é também chamada “presciência” (At 2:23). Deus previu desde a eternidade a queda do homem, e providenciou no seu amor a solução para salvá-lo. Por isso está escrito: “O Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8). Na sua presciência Deus já viu na eternidade o seu Filho entregue para ser crucificado (At 2:23; 1Pe 1:18-20). Ele também viu a igreja se levantar, como um fruto da morte de Jesus no Gólgota (Ef 3:1-10). Nesta previsão, Deus que também conheceu os homens, e os predestinou para serem

salvos por Jesus (Rm 8:29; Ef 1:4,5), isto é, por nenhum outro meio, mas só por Jesus (At 4:12), Ele assim chamou a todos para salvação.

Assim somos eleitos segundo a presciência de Deus para obediência e aspersão do sangue de Jesus (1Pe 1:2). Os que não aceitarem este único meio de salvação, estão por causa da sua rejeição a Cristo, predestinados ao julgamento e castigo “Mas quem não crer será condenado” (Mc 16:16). Porém, ainda que Deus na Sua presciência possa conhecer o futuro dos que rejeitarem o Seu amor, isto não interfere no livre arbítrio do homem. Em tudo que depender de Deus, Ele está sempre a favor de todos os homens.

Deus também, na Sua onisciência prevê os acontecimentos do futuro. Profecia é uma revelação do que Deus na Sua previsão já sabia (Is 48:5). Temos no passado muitos exemplos em que Deus previu e revelou o que haveria de acontecer. Vivemos na véspera de grandes acontecimentos. Todos eles Deus tem estabelecido pelo seu próprio poder (At 1:7), e são conhecidos desde a eternidade (At 15:18).

Deus é onipotente.

Para os homens que são limitados, é difícil compreender ou calcular a onipotência de Deus (Jo 37:2; 36:14; 26. 14; 5:9; 9:10).

a) Deus é onipotente e tem poder ilimitado.

O próprio Deus disse “Eu sou todo poderoso” (Gn 17:1). “Haveria coisa alguma difícil ao Senhor?” (Gn 18:14). “Eu sou o Senhor que faço todas as coisas” (Is 44:24). A Bíblia afirma: “O poder pertence a Deus” (Sl 62:11). Jesus chamou a seu Pai “o Poder” (Mt 26:64), e disse: “Para Deus tudo é possível” (Mt 19:26), e “as coisas que são impossíveis aos homens, são possíveis para Deus” (Lc 18:27). O anjo Gabriel disse: “Para Deus nada é impossível” (Lc 1:37). Jó falou de Deus: “Eu sei que tudo podes!” (Jo 42:2). A onipotência de Deus significa que o poder dele é ilimitado.

b) Como se manifesta a onipotência de Deus?

- Deus não pode ser impedido por ninguém, quem quer que seja (Is 43:13; 14:27; Jo 11:10; Pv 21:30; Rm 9:18);
- As leis da natureza não podem limitar a onipotência de Deus. Ele é soberano e “faz o que ele quer” (Sl 135:6; 115:3). Ele está acima de todas estas leis (Na 1:3-6). Vejamos alguns exemplos em que os milagres de Deus foram contrários às leis da natureza. Deus fez as águas do mar

ficarem como um muro (Ex 14:22) e as águas do rio Jordão, como um montão (Js 3:13). Ele fez que o ferro do machado flutuasse (2Rs 6:1-6), e que o sol se detivesse no meio do céu (Js 10:13). Ele livrou Daniel do poder dos leões (Dn 6:22,27). Mandou a tempestade (Jn 1:4) e fez cessá-la (Jn 1:15), etc.;

- Deus é poderoso para cumprir as suas promessas (Rm 4:21), e até “chama as coisas que não são, como se já fossem” (Rm 4:17). Deus que é o Criador tem ainda o Seu poder criador em pleno vigor. Por isso, não existem limites no Seu poder de operar maravilhas de cura em casos sem nenhuma esperança humana.

c) **A onipotência** de Deus opera harmoniosamente conforme a Sua vontade.

Jamais existem contradições entre a Sua natureza perfeita e o Seu poder ilimitado. Deus jamais faria coisa que fosse contrária à Sua perfeita santidade. Ele que “tudo pode” (Jo 42:2) só faz o que lhe apraz (Sl 115:3). “Tudo o que o Senhor quis ele o fez” (Sl 135:6). Por isso existem coisas que O onipotente não pode fazer. Ele não pode mentir (Hb 6:18; Nm 23:19; Tt 1:2); não pode negar-se a si mesmo (2Tm 2:13); não pode fazer injustiça (Jo.8:3; 34:12). Ele é sempre santo em todas as Suas obras (Sl 145:17). Deus também não pode fazer acepção de pessoas (At 10:34, Rm 2:11, 2Cr 19:7).

Deus também limita a sua onipotência em respeitar o livre arbítrio do homem. Somente aquele que quiser tomar de graça da água da vida (Ap 22:17). Deus deixa ao homem a oportunidade de, livremente, se humilhar diante da Sua potente mão (1Pe 5.6).

Atributos de Sua Natureza

Deus é infinitamente perfeito (Mt 5:48; Dt 18:13). Por isso, a Sua obra é perfeita (Dt 32:4) e os seus caminhos o são (Sl 18:30). Todas as características da Sua Pessoa e Sua natureza não são somente expressões de algumas atitudes que Deus demonstra ou tem, mas elas constituem a própria substância, a essência da sua Divindade.

Vamos agora estudar três características da natureza de Deus, que expressam a grandeza da Pessoa do eterno Deus.

1. **Deus é a verdade.** Essa característica de ser a verdade implica em que Deus também é fiel e verdadeiro, e que essa verdade dura para sempre.

“Deus é a verdade” (Jr 10:10; Dt 32:4; Sl 31:5). A verdade é a substância da Sua Pessoa. Por isso, Ele é chamado “Deus verdadeiro” (1Jo 5:20; Jo 17:3). Esta substância – verdade – caracteriza não somente Deus Pai, mas também Deus Filho, (Jo 14:6) e Deus Espírito Santo, (Jo 16:13; 1Jo 5:6);

Deus é também a fonte da verdade. Ele é chamado “Deus da verdade” (Sl 31: 5). Toda a verdade que existe no universo tem em Deus a sua origem. As Suas obras e a Sua palavra são sempre a verdade (Sl 119:160). “Sempre seja Deus verdadeiro” (Rm 3:4). O eterno Deus é luz perfeita e, portanto, inteiramente impossível que Nele haja trevas (1Jo 1:5), isto é, que Deus possa negar a Si mesmo (2Tm 2:13), ou minta (Hb 6:18);

“A verdade do Senhor é para sempre” (Sl 117: 2). Assim como Deus é eterno, assim são também eternos os atributos da Sua natureza. “A sua verdade é para sempre” (Sl 146:6), e “se estende de geração a geração” (Sl 100:5). Esta é a segurança que temos em confiar nas suas promessas. Deus jamais pode revogar a sua palavra, (Mt 5:18; Nm 23:20). “A palavra do nosso Deus subsiste eternamente”, (Is 40:8). “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24:35);

Deus é fiel. Esta qualidade, que de modo absoluto caracteriza Deus, é uma expressão da sua verdade que ele imutavelmente executa sem cessar. A fidelidade de Deus nunca falha. Repetidamente a Bíblia fala desta sua fidelidade vinculada a várias experiências e necessidades do homem. Vejamos: Deus é fiel, na sua chamada (1Co 1:9). Ele é fiel quando o pecador vier, confessando o seu pecado (1Jo 1:9). Ele é fiel para guardar (2Ts 3:3). Ele é fiel ao sermos tentados (1Co 10:13). Ele é fiel quanto as suas promessas (Hb 10:23) as quais são sim e sim (2Co 1:18-20). Ele é também fiel, quando o crente padece (1Pe 4:19), e a sua fidelidade chega até as mais altas nuvens, (Sl 36:5) isto é, quando Jesus vier! Graças a Deus por sua Verdade e por sua fidelidade. A sua verdade é escudo e broquel (Sl 91: 4).

2. Deus é Santo. A Bíblia dá a Deus o nome “SANTO” (Sl 99:3). Ele é chamado “o santo de Israel” (Sl 89:18). Só no livro de Isaías este nome é usado 30 vezes (Is 1:4) etc.: “Assim diz o alto e sublime que habita na eternidade e cujo nome é Santo” (Is 57:15). “Realmente santo e tremendo é o seu nome” (Sl 111:9).

A santidade é uma substância da própria natureza de Deus, e não somente uma expressão de um procedimento santo. Deus diz: “Eu sou Santo” (1Pe 1:16; Lv 19:2; 20:7; Sl 99:6,9). Ele é a fonte de toda a santidade. Assim como a luz

é caracterizada pelo seu brilho, assim também Deus, que é Luz (1Jo 1:5) emite raios do brilho da Sua santidade. A Bíblia diz que “Deus é glorificado na sua santidade”, (Ex 15:10). A glória de Deus são raios da Sua santidade, e nós O adoramos na beleza da Sua santidade (Sl 29:2; 96:8,9).

Não somente Deus é santo, mas também o Deus Filho (Lc 1:3; 1Jo 2:20; Ap 3:7), e Deus Espírito Santo (Ef 4:30) O são. Esta santidade é um atributo das três Pessoas da santa Trindade, evidenciada quando os serafins clamaram: “Santo, Santo, Santo é o Senhor, toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6:3; Ap 4:8).

A santidade de Deus em relação aos homens é evidenciada por querer Ele que os homens se tornem também santificados.

Deus quer que os homens vivam em íntima comunhão com ele. Porém isto só é possível quando eles aceitarem as condições impostas por Deus. Ele diz: “Sede santos porque eu sou santo” (1Pe 1:6). Deus tem, em Sua santidade, decretado leis e normas que expressam a Sua vontade, às quais os homens têm de se sujeitar e obedecer. Ele quer levar os homens no caminho da santidade, porque deseja que “sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor” (Hb 12:28).

Na Sua santidade Deus, porém, sente tristeza e zelo (Dt 32:4; Rm 10:2) quando a Sua vontade não é respeitada pelos homens. “Deus ama a justiça e aborrece a iniquidade” (Hb 1:9). Ele não pode tolerar o pecado (Hc 1:13). Por isso, “as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59:2).

A Justiça de Deus é uma expressão da Sua santidade. A justiça é a santidade de Deus em exercício em relação aos homens. Deus é justo (Rm 1:17; 10:3; Jo 17:25; Sl 116:11; 2 Tm 4:8). Na sua justiça ele zela pelo cumprimento das suas leis e normas, dadas aos homens. Na sua santidade e verdade Deus não pode revogar a sua própria palavra, nem a sentença imposta aos transgressores, porque elas são imutáveis como Ele o é. A justiça de Deus leva o homem, que vive em pecado, ao juízo de Deus (Dt 1:17), que é a ação da justiça de Deus.

3. Deus é Amor.

A Bíblia não somente diz que Deus ama os homens (Ef 2:4; 2Ts 2:16; 2Co 9:7) mas que **Ele é amor** (1Jo 4:8,16). Isto é, que o amor é a própria substância do eterno Deus. O Seu amor é como um rio que mana dele mesmo, que é a fonte do

amor. Assim, a Bíblia fala do “Deus de amor” (2Co 13:11) e do “amor de Deus” (2Co 13:13).

Não somente Deus é amor. Toda Trindade é uma expressão do amor divino. A Bíblia fala de Jesus, O Filho de Deus, “do seu amor que excede todo o entendimento” (Ef 3:19). Fala também do amor do Espírito Santo (Rm 15:30).

Quando Jesus queria mostrar a profundidade do amor de Deus para com os seus discípulos ele disse: “Tu os tens amado a eles como me tens amado a mim” (Jo 17:23). Deus é amor! Só existe uma qualidade deste amor. O mesmo amor com que Deus amou seu Filho. a quem ele mesmo chamou “meu Filho amado” (Mt 3:17; ele também amou aos que creram Nele. O amor de Deus não se pode medir, Jo 5. 9; Sl 139:17,18). E maior do que o amor materno (Is 49:15).

O amor de Deus para com os pecadores. A Bíblia diz que Ele nos amou primeiro (1Jo 4:19). Amou-nos quando éramos pecadores (Ef 2:4; Rm 5:8). O Seu amor se expressa em querer dar o melhor para eles e possuí-los em íntima comunhão consigo. Ele, que aborrece o pecado (Hb 1:9) ama ao pecador.

O grande preço que o amor de Deus pagou! Estamos agora diante da maior e mais insondável profundidade do amor de Deus. Enquanto Deus, na Sua santidade, não pode tolerar o pecador que vive em pecado, e conforme a Sua justiça tem de executar o juízo, para castigá-lo, este mesmo Deus, que é essencialmente amor, ama o pecador.

Parece que estamos diante de uma inexplicável contradição dentro da mesma pessoa. Porém não há nada disto. O amor de Deus está em pleno acordo com a retidão e a justiça das exigências de castigo para o pecador. Mas “no seu muito amor com que ele nos amou” (Ef 2:4, Deus resolve pagar o maior preço que jamais foi pago (1Co 6:20), e deu o Seu próprio Filho, para ser o sacrifício pelo resgate dos homens da sua culpa. Jesus foi dado como Mediador entre a justiça de Deus e os homens (1Tm 2:5, 6) e morreu na cruz do Calvário, pagando a sentença que a justiça de Deus havia decretado sobre o pecador (2Co 5:21; 1Pe 3:18). Assim a justiça de Deus fica respeitada e executada. e pelo amor de Deus, os pecadores são perdoados e salvos (Jo 3:16).

Deus é Graça.

A Graça de Deus (2Co 6:1; 8:1; Gl 2:21) é uma expressão do amor de Deus. Graça significa um favor imerecido que Deus, na Sua perfeita justiça, manifestou por intermédio do sacrifício do Seu Filho (2Tm 1:9; 2Co 8:9), trazendo salvação a

todos os homens (Tt 2:11). A Bíblia diz: “por um ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida” (Rm 5:18), e “onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Rm 5:20). “Graças a Deus. pois, pelo seu dom inefável” (2Co 9:15).

A misericórdia e a longanimidade de Deus são expressões do Seu amor e de Sua Graça. Deus é chamado “o Pai da misericórdia” (2Co 1:3), e a Bíblia diz que Ele é riquíssimo em misericórdia (Ef 2:4). A misericórdia que Ele mostra perdoadando o pecador é pelos méritos de Jesus Cristo (Tt 3:5; 1Pe 1:3). Pelo Seu amor Ele se mostra longânimo (1Pe 3:20), esperando com paciência que o pecador aceite o Seu convite. (Rm 2:4).

PODER CRIADOR DO DEUS ETERNO

Ao estudar sobre a Criação é importante considerar a teoria evolucionista e a teoria criacionista, comparativamente, pois o teólogo, como cristão, deve reconhecer a Deus como o Criador e refutar as filosofias pagãs que não O enaltecem nesse sentido.

Criacionismo *versus* Evolucionismo

O Criacionismo admite que a origem do Universo e da vida resulta da intenção de Deus, em seu ato criador. No estudo sobre o Ser de Deus vemos que Deus é Todo-Poderoso e que Ele deixou que as “coisas que estão criadas” manifestem para todos o Seu eterno poder e a Sua divindade (Rm 1:19,20).

O ensino da Bíblia sobre a criação do mundo constitui um protesto contra as filosofias pagãs – entre elas, o panteísmo –, as quais apresentam Deus como um ser impessoal, inativo ou passivo, assim como refuta o evolucionismo ateu, que exclui Deus da criação. A Bíblia nos dá uma definição autorizada sobre o poder criador do Deus eterno.

Narrativa Bíblica sobre a Criação do Céu e da Terra

A Bíblia apresenta Deus como um Ser divino e ativo, que trabalha (Jo 5:17; Cl 1:16; At 14:17; 17:28). A Sua criação testifica da grandeza do Seu poder (Jr 10:12; 32:17; 51:15) e é uma expressão da Sua divina vontade (Ap 4:11). Foi Deus que, através de uma revelação, deixou a Moisés a incumbência de escrever sobre a criação do céu e da terra. Ele expressa afirmativamente. “No princípio criou Deus o céu e a

terra” (Gn1:1). Nos três primeiros versículos da Bíblia temos, de modo concentrado, um relato verídico da criação.

A narração da Bíblia sobre a criação do mundo desfaz as doutrinas materialistas sobre este assunto. Filósofos e cientistas têm combatido o ensino da Bíblia sobre a origem de todas as coisas. Já no tempo antigo os filósofos gregos (Heráclito, Aristóteles e outros) afirmaram que o mundo apareceu por meio “duma eterna e impessoal energia” (BERGSTÉN, 1999, p. 36), lançando, desse modo, a semente materialista que deu margem às teorias evolucionistas, que se mostram, cada vez mais, totalmente falsas e sem fundamento científico.

A Teoria Evolucionista

O evolucionismo é apontado como uma teoria científica, embora não tenha comprovação e aceitação por grande parte dos cientistas. A teoria da Evolução foi proposta por Charles Darwin, um naturalista que afirmava que as espécies existentes são resultado de uma gradual evolução de espécies inferiores, começando por um “protoplasma” até chegar ao homem. Contudo, Bergstén (1999, p. 37), questiona o seguinte: “Se, como os evolucionistas afirmam, toda vida existente começou por um ‘protoplasma’, de onde ele veio - e quem o fez? Não existem provas - somente suposições infundadas”.

A ciência não afirma que a vida surgiu da matéria em alta rotação e movimento e nem consegue provar isso. Deus é o Dono da vida e a sua única fonte (At 17:25). Quanto à afirmativa de que espécies inferiores evoluíram para espécies superiores, é também uma questão inteiramente falsa, pois uma espécie não reproduz outra espécie superior, como sugerem os evolucionistas. Nem tampouco as espécies tendem a progredir com o tempo. Portanto, é fácil perceber por que as teorias evolucionistas estão sendo rejeitadas, atualmente, pela ciência.

A falta de fundamento da teoria da Evolução foi percebida pelo próprio Darwin que, de acordo com Bergstén (1999, p. 37), “lamentou o grande estrago que as suas teorias infundadas tinham causado no meio dos universitários e na teologia”. Em sua fase final da vida, Darwin sofreu de um “mal psicossomático” e morreu, em 1882, vítima do que seu médico chamou de “consciência atormentada”.

Criacionismo e Evolucionismo são Antagônicos

Entre o Criacionismo e o Evolucionismo existe um abismo intransponível. Não há como o cristão que estuda a Bíblia Sagrada e entende Deus como o Criador aceitar a teoria da evolução e suas diversas versões, pois não tem como inserir a narrativa bíblica no processo evolucionista.

Na teoria evolucionista não tem lugar para Deus, pois o evolucionismo tende a dissolver, a excluir a existência de Deus, muito menos a considerá-lo como um ser divino e perfeito. Assim afirma a Bíblia: “Mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador” (Rm 1:25).

O alvo da doutrina evolucionista é combater dissimuladamente a Deus e à Sua Palavra, tirando-lhe o poder e a autoridade como Criador. É um ataque à veracidade da Bíblia.

Ham (2011, p. 35), destaca que, se considerarmos “a possibilidade de que Deus usou o processo evolucionário para criar ao longo de milhões de anos, confrontamo-nos com sérias consequências: a Palavra de Deus não é mais competente e o caráter de nosso Deus amoroso é questionado”.

Não há, assim, como fazer concessões com respeito a aceitar que Deus usou a evolução em seu ato criador. Este autor chama a atenção para isso, afirmando que: “uma vez que você aceite a evolução e suas implicações para a história, então o homem está livre para escolher as partes da Bíblia que quer aceitar” (HAM, 2011, p. 36).

Em Sua Palavra, Deus afirma que Ele é quem fez o céu, a terra e a vida que nela há (Is 42:5; 45:12). Ele chama a Si mesmo de “o Criador” (Ec 12:1) e apresenta a criação como a prova da sua existência (Rm 1:20; Sl 8:3; 19:1-6). Ele e disse que “os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão” (Jr 10:11,12).

A Bíblia destaca que Deus é quem “fez a terra pelo seu poder” (Jr 10:12). Assim, se o evolucionismo quer provar que os primeiros capítulos da Bíblia não possuem fundamento, a Palavra de Deus não teria mais valor. Mesmo assim, muitos teólogos têm aderido a essa doutrina evolucionista, mostrando que não creem nas doutrinas basilares da Bíblia, mas na palavra de homens, estes, muitas vezes, ateus ou enganadores, posto que, quem nega que Deus é o Criador, o faz mentiroso e um Deus que mente não pode existir. Aqueles que professam teorias contrárias à ideia de um Deus Criador e se aliam a falsas ciências se desviam da fé (1Tm 6:20,21). Os estudantes sinceros da Teologia devem se posicionar em favor do Criador, em “defesa e confirmação do evangelho” (Fp 1:7), como o apóstolo Paulo admoestou.

INDICAÇÃO DE LEITURA - LIVRO:

[ASHTON, John F.). **EM SEIS DIAS – POR QUE 50 CIENTÍSTAS DECIDIRAM ACEITAR A CRIAÇÃO.** Brasília, DF. 2019, disponível em: <https://scb.org.br/categoria-produto/livros/>].

INDICAÇÃO DE LEITURA - ARTIGO:

[GEISLER, Norman L.). **O DEUS TEÍSTA EXISTE.** Engenheiro Coelho, SP. 2017, disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/issue/view/133>].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNIDADE 2 definiu a palavra Teontologia que representa o estudo teológico propriamente dito, já que um estudo mais profundo da Teologia não prescinde de conhecer a Deus e Suas doutrinas. O cristão só pode entender a Teologia se crê na existência de Deus, a partir dos textos bíblicos e das evidências de Suas obras criadas, dentre as quais, se destaca o homem.

A compreensão sobre os atributos divinos, a personalidade divina, a Trindade, entre outros aspectos, é imprescindível para entender e reconhecer o amor de Deus pela raça humana, apresentado no sacrifício de Jesus Cristo.

A Unidade também fez um resumo da teoria criacionista e da teoria evolucionista. Ficou entendido o antagonismo existente as duas teorias. Teologicamente não há como um cristão aceitar o evolucionismo. Só existe espaço para a crença em um e único Deus criador do Universo.

HORA DE REVISAR

Aceitar a Deus como Criador é um fato que todo cristão verdadeiro deve estar ciente. Atualmente, muitos cristãos – leigos e teólogos – apresentam dificuldades em aceitar a criação literal de Gênesis, dando lugar a pensamentos e teorias humanas evolucionistas e ateias. Por isso, o estudo sobre a Criação leva em conta esse aspecto, pois se considera importante que o teólogo entenda e reconheça a Deus como seu Criador, a partir do que Ele mesmo destaca nos textos bíblicos: em seis dias – tarde e manhã, ou seja, um dia, não milhares – criou Deus os céus, a terra, os animais e o homem, e descansou no sétimo dia, abençoou o sétimo dia por ter finalizado Sua obra criadora, e determinou este dia para descanso do homem.

Falar em evolucionismo e querer “interpretar” Gênesis com a visão de teóricos e filósofos seculares, contraria a Palavra de Deus e a torna indigna de confiança. Cabe

ao teólogo dar atenção para as palavras que dizem: “temei a Deus, dai-Lhe glória; adorai ao que fez os Céus e a Terra” (Ap 14:7).

REFERÊNCIAS

BERGSTÉN, Eurico. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: CPAD, 1999.

HAM, Ken. **Criacionismo: verdade ou mito?** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

HORTON, Stanley. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

WHITE, Ellen G. **Medicina e salvação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

UNIDADE 3 - DOCTRINAS DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

Objetivos:

- **Compreender a origem e o papel teológico da Bíblia.**
- **Esclarecer a origem e destino do homem segundo a teologia.**
- **Entender o processo teológico da salvação.**

Vamos conhecer e estudar de forma sintetizada as primeiras três doutrinas teológicas que fazem parte da Teologia Sistemática.

A PRIMEIRA DOCTRINA - BIBLIOLOGIA

Definição e Etimologia

Nas Escrituras não se menciona a palavra Bíblia, pois sua origem é eclesiástica, debitando-se a João Crisóstomo, Bispo da Igreja de Constantinopla no IV século, o uso desta. Porém, há indícios de que esse título já era usado por alguns cristãos em 223 d.C. para se referirem aos escritos dos apóstolos, bem como, os judeus helenistas de Alexandria se referiam à tradução grega do Antigo Testamento como “ta bíblia” (SILVA, 2017).

O nome Bíblia vem de Byblos, nome da cidade portuária fenícia que hoje fica no Líbano, importante no comércio de papiro. Byblos era o nome que os gregos davam ao papel egípcio e passou a significar livro tendo sido mudada a letra y para i = Biblos.

Em grego, o diminutivo de livro é *Biblion* = livrinho, e o plural é *Bíblia* = livrinhos. “Por ser uma coleção de pequenos livros, a Escritura Sagrada passou a ser chamada de *Bíblia*” (SILVA, 2017, p. 17).

Bíblia, portanto, significa coleção de livros, ou rolo. É formada por um conjunto de 66 livros, sendo 39 do Antigo Testamento e 27 do Novo Testamento (versão protestante, não sendo aqui considerados os livros chamados apócrifos, adotados pela Igreja Católica e outras tradições religiosas).

A Bíblia – Inspiração Divina ou Escritura de Homens?

O apóstolo Paulo afirma: “Pois toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver” (2 Tm 3:16; ver também I Pe 1:23; Hb 4:12; Cl 3: 16; Rm 10:17).

Os livros que compõem a Bíblia foram escritos num período que compreende cerca de 16 séculos, por aproximadamente 40 escritores, entre estes, profetas, reis, escribas, sacerdotes e poetas. Os primeiros livros datam de cerca de 1500 a.C. e o último livro foi escrito em 95 d.C. e apresenta um contexto escrito dentro da cosmovisão do povo hebreu. Os textos foram copiados e recopiados por gerações em diversos idiomas. A maior parte dos livros do Antigo Testamento foi escrito em hebraico (alguns poucos em aramaico) e o Novo Testamento foi escrito em grego *koiné*, versão popular do grego clássico (SILVA, 2017).

A Bíblia foi o primeiro livro a ser impresso e publicado na história. Sua divulgação foi facilitada pela invenção da imprensa, por Gutemberg, em 1455. Antes disso, a Bíblia era copiada a mão e custava o salário de um ano de um operário, na Idade Média (HURLBUT, 2002).

A Bíblia se diferencia dos demais livros pela sua “inspiração divina” o que permite ser chamada de Palavra de Deus (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.12; Jó 32.8). Segundo o apóstolo Pedro, a Escritura Sagrada “nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2Pd 1:21).

Cabe analisar o seguinte: se a Bíblia foi escrita por homens, como ela é considerada a Palavra inspirada de Deus?

Gilberto (2019, p. 41) afirma que “a própria Bíblia reivindica para si a inspiração de Deus, pois a expressão “Assim diz o Senhor”, como carimbo de autenticidade divina, ocorre mais de 2.600 vezes nos seus 66 livros; isso além de

outras expressões equivalentes”.

De acordo com Lapa (2009, p. 18), “a inspiração está ligada à comunicação da verdade, à maneira como a revelação foi registrada, ou seja, através da escrita”. O Espírito Santo inspirou, dirigiu e influenciou os escritores. Mas a escrita, isto é, a linguagem foi exposta de acordo com “as experiências existenciais das pessoas”.

Ou seja, Deus fez uso das características naturais de cada escritor e, por um ato especial do Espírito Santo, habilitou-os a comunicar ao homem, por meio da escrita, a Sua divina vontade (BEZERRA, 2005).

Mesmo tendo sido escrita por homens, o maior estudo da Bibliologia é a própria Bíblia, já que a mesma se auto interpreta, autoexplica e se auto justifica.

A Canonicidade Bíblica

O cânon da Bíblia representa uma lista de todos os livros que pertencem ao livro sagrado. A palavra cânon significa régua, regra, vara de medir. Seu uso para a Bíblia é referente à coleção, ao conjunto de livros que, após passarem por testes de autenticidade e autoridade, foram considerados confiáveis e autênticos e inclusos num mesmo livro, a Bíblia Sagrada

O Cânon foi escrito por autores de diferentes níveis culturais, de lugares e épocas diferentes, num macroambiente prevalecentemente semita antigo e em três línguas distintas (hebraico, aramaico e grego) e traduzido na íntegra para o grego. Posteriormente, a tradução se estendeu a mais de 1200 línguas, entre dialetos e idiomas. Portanto, segundo Bezerra (2005, p. 11) “a Bíblia possui uma linguagem singular carregada de símbolos, tipos, figuras e expressões culturais típica das culturas semita, helenística e, sobretudo, hebraica”.

O Novo Testamento possui mais de 5.000 manuscritos originais que permitem avaliar os escritos antigos, bem como, muitas cópias feitas em datas bem próximas à dos originais. Há aproximadamente 75 fragmentos de papiro datados desde 135 A.D., até o oitavo século, possuindo partes de 25 dos 27 livros do Novo Testamento, num total de 40% do texto total. Pelo método de análise textual, Bezerra (2005, p. 61) concluiu que “99% dos textos mantêm-se fiel aos originais, levando em consideração os milhares de anos entre a escrita e nossos dias”.

Os livros canônicos foram reconhecidos por diversos concílios eclesiásticos como sendo a Palavra de Deus, tendo sido expostos a diversos testes de coerência e autenticidade. Dentre os testes a que foram sujeitos os textos bíblicos, Ryrie (1991) e Pereira (2015), apontam os seguintes:

a) **Teste da autoridade do escritor.** Em relação ao Antigo Testamento, isto significava a autoridade do legislador, ou do profeta, ou do líder em Israel. No caso do Novo Testamento, o livro deveria ter sido escrito ou influenciado por um apóstolo para ser reconhecido. Em outras palavras, deveria ter a assinatura ou a aprovação de um apóstolo. Pedro, por exemplo, apoiou a Marcos, e Paulo a Lucas;

b) **Os próprios livros deveriam dar a prova intrínseca de seu caráter peculiar,** inspirado e autorizado por Deus. Seu conteúdo deveria se demonstrar ao leitor como algo diferente de qualquer outro livro, por comunicar a revelação de Deus;

c) **O veredicto das igrejas quanto à natureza canônica dos livros era importante.** Na verdade, houve uma surpreendente unanimidade entre as primeiras igrejas quanto aos livros que mereciam lugar entre os inspirados.

Alguns estudiosos afirmam que todos os livros do Antigo Testamento já haviam sido colecionados e reconhecidos por Esdras, no quinto século a.C. As referências nos escritos do historiador Flávio Josefo (95 A.D.) indicam a extensão do cânon do Antigo Testamento como sendo os 39 livros que conhecemos e aceitamos hoje.

O primeiro concílio eclesiástico a reconhecer todos os 27 livros do Novo Testamento foi o Concílio de Cartago, em 397 A.D. Alguns livros do Novo Testamento, individualmente, já haviam sido reconhecidos como canônicos muito antes disso (2 Pe 3:16; I Tim 5:18), e a maioria deles foi aceita como canônicos no século posterior ao dos apóstolos, embora alguns como Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João e Judas tivessem sido debatidos durante algum tempo. A seleção do cânon sagrado foi um processo que continuou até que cada livro provasse o seu valor, passando pelos testes de canonicidade.

A Bíblia – Revelação Divina

A maneira miraculosa como a Bíblia atravessou os séculos e chegou até nós, transformando vidas e costumes, abrandando corações e trazendo conforto, felicidade e paz de espírito a quem as lê, demonstra que Deus fala através de suas páginas ao coração humano. Silva (2017) comenta que a Bíblia é uma revelação do amor de Deus pelo homem, é a história de Deus contada na linguagem humana.

É muito interessante observar que a Bíblia é antes de tudo um livro de histórias e um livro histórico. Ou seja, não se trata de uma coleção de lendas como as mitologias gregas ou as fábulas de Isopo e La Fontaine. Os episódios descritos são reais e tiveram seu lugar na história. Ao invés de inspirar os profetas a escreverem um tratado filosófico sobre a divindade, a

Providência preferiu dar aos homens um livro que narra a história de Deus em meio à história. Por isso, não seria errado chamar a Bíblia de “uma história de Deus”, embora, é claro, sendo um ser eterno, o Altíssimo não possa ser confinado aos limites de uma biografia. (SILVA, 2017, p. 40).

Dessa maneira, a Bíblia é a própria revelação de Deus, não um relato humano. É a descrição do esforço de Deus para se revelar ao homem, para instruir e direcionar os caminhos da humanidade. Nesse sentido, a Bíblia Sagrada propicia o contato do homem com Deus.

INDICAÇÃO DE LEITURA - LIVRO:

[BALL, Bryan.]. **EM DEFESA DA BÍBLIA: POR QUE PODEMOS CONFIAR NAS ESCRITURAS.** Tatuí, SP. 2020, Casa Publicadora Brasileira].

A SEGUNDA DOUTRINA - ANTROPOLOGIA

Segundo Berti (2010), a Antropologia Bíblica/Teológica difere da Antropologia científica nos aspectos de fundamentação, abordagem e propósito. A Antropologia Bíblica se fundamenta exclusivamente na Revelação de Deus ao homem; sua abordagem é feita a partir da visão bíblica do homem, e não do homem pelo homem, como propõe a Antropologia científica; e tem o propósito de demonstrar que o homem possui uma postura privilegiada em relação às demais criaturas, embora também aponte a atual deficiência moral do homem diante de Deus.

A Antropologia científica, por sua vez, não analisa o homem a partir da visão bíblica, mas sim, de sua origem, natureza e potencialidade, considerando a história da humanidade, seu desenvolvimento etnológico, linguístico, cultural e religioso, bem como, as características psíquicas e fisiológicas que o estruturam.

Definição da Antropologia Bíblica

A Antropologia Bíblica, ou Teológica, reflete sobre a natureza do homem em sua relação com Deus tendo as Escrituras como fundamento para essa reflexão. Para Berkhof (2011, p. 167), “a antropologia teológica ocupa-se unicamente com o que a Bíblia diz a respeito do homem e da relação em que ele está e deve estar com Deus”. É, por assim dizer, um estudo que possibilita reconhecer a experiência humana como testemunho da Revelação, posto que, o ser humano está no centro da história da salvação, podendo-se falar do antropocentrismo na Teologia cristã.

O Homem na Visão Bíblica

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2:7; Gn 2:22). O homem foi formado por Deus, com prerrogativas que o difere dos animais, mas sua imagem e semelhança com o divino não lhe faz superior a Deus (ICo 15:47; ICo 11:11; SI 144:3; Pv 20:27; Mt 19: 4; Hb 9:27).

Algumas das prerrogativas do homem são salientadas nos textos bíblicos. em Salmos 8:3-9, encontramos algumas características:

- a) foi feito por Deus (verso 5: “fizeste-o”);
- b) é inferior a Deus (verso 5: “um pouco menor do que os anjos”). Aqui, a palavra é *meelohim*, parecida com *Elohim*, que significa Deus. ainda não foi definido seu verdadeiro significado, sendo importante comparar esse texto com Hebreus 2:7;
- c) foi feito para ser o rei, o dominador das criaturas irracionais (versos 5 a 8: “De honra e glória o coroaste. Fazem com que ele tenha domínio sobre as obras das Tuas mãos”;
- d) é digno da atenção divina e feito com a possibilidade de se comunicar com Deus (verso 4: “que é o homem mortal para que Te lembres dele e o visites”? Deus se lembra do homem e o visita, tem especial atenção para com ele.

Em Gênesis 1:26-28 é afirmado que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Ao lermos os relatos da criação é possível perceber que:

- nenhuma outra criatura foi feita dessa forma;
- isso destaca a diferença existente entre o homem e a criação inferior.

Elementos Formadores do Homem

Pela descrição bíblica (Gn 2:7), os elementos que formaram o homem e que o tornaram uma alma vivente são: pó + fôlego (sopro) de vida = alma vivente (ou *néfesh chayah*).

O corpo = pó

Consiste dos elementos da terra conforme é demonstrado no quadro abaixo:

Elementos químicos existentes no corpo humano.

ELEMENTO	PORCENTAGE M NO CORPO	ELEMENTO	PORCENTAGE M NO CORPO

Oxigênio	66,0	Cloro	0,3
Carvão	17,5	Enxofre	0,2
Hidrogênio	10,2	Magnésio	0,105
Nitrogênio	2,4	Ferro	0,005
Cálcio	1,6	Iodo	Traços
Fósforo	0,9	Flúor	”
Potássio	0,4	Outros Elem.	”
Sódio	0,3		”

Todos esses elementos estão contidos na terra. É, portanto, estrita e literalmente verdade que o homem é formado do pó da terra.

Fôlego de vida = alma vivente.

Note que o mesmo fôlego de vida que foi concedido ao homem é o mesmo dado aos animais. A mesma palavra usada para o homem em Gênesis 2:7 é usada para os animais em Gênesis 7:15, 21, 22. Logo, pode-se concluir que o fôlego de vida, dado aos homens e animais, é a vida proveniente de Deus, o princípio de vida.

As palavras hebraicas correspondentes a “alma vivente” são *néfesh chayah* e são usadas quatro vezes no primeiro capítulo de Gênesis para descrever as formas inferiores de animais (Gn 1: 20, 21, 24, 30). Estas palavras também ocorrem em Gênesis 2: 19; 9:10, 12, 15, 16 e em Levíticos 11:46. Em algumas versões lê-se “criatura vivente” em lugar de alma vivente, mas a expressão original é a mesma usada para o homem em Gênesis 2:7. Ver também Eclesiastes 3:19 e 20.

Isso nos leva à conclusão de que o homem é criatura de Deus; feito do pó da terra, assim como os animais; que lhe foi soprado no nariz o fôlego de vida; que se tornou uma alma vivente; que Deus, semelhantemente, deu a todos os animais o fôlego de vida, e que também eles são chamados almas viventes.

Contudo, se o homem e os animais têm o mesmo fôlego de vida, e ambos são chamados alma vivente, não existe diferença entre o homem e os animais? Sim, existe e a diferença principal é que o homem foi criado à imagem de Deus; não o foram os animais.

À Imagem de Deus

A criação do homem à imagem de Deus é descrita somente no livro de Gênesis (Gn 1:26, 27; 5:3; 9: 6), não aparecendo além desses textos. A *Imago Dei* (imagem de Deus) é o grande diferencial na criação do homem, que o tornou diferente do restante da criação. Porém, em que consiste a imagem ou semelhança?

A imagem de Deus no homem é explicada por Berti (2010, p. 15), da seguinte maneira:

As palavras hebraicas de Gênesis 1.26,27 são *tselem* e *demuth*, o equivalente às palavras gregas *eikon* e *homoiosis* (que em latim são *imago* e *similitudo*). *Tselem* significa imagem moldada, uma figura moldada, imagem no sentido concreto da palavra (2Rs.11.18; Ez.23.14; Am.5.26). Já *demuth* também se refere à ideia de similaridade, mas num aspecto mais abstrato ou idealístico.

Analizando os termos imagem (do hebraico *Tselem*) e semelhança (*Demuth*) mais profundamente, percebemos que, o termo *tselem* (imagem) pode significar uma sombra (Sl 39:6); ou uma estátua (Dn 3: 5, 7, 10, 12, 18); ou uma escultura que represente um ídolo (2 Rs 11: 18; Am 5:26) e, em geral pode significar qualquer figura ou representação. Nessa passagem é dito que o homem foi criado “à imagem de Deus”. Em Gênesis 5:3 pode-se ler que “Adão gerou um filho à sua semelhança, conforme sua imagem”. Assim, o homem é uma sombra de Deus, mas o homem também é uma sombra do homem (Pai e Filho). O filho reflete a imagem/personalidade/traços do pai.

No caso do termo *demuth* (semelhança), este pode ser traduzido também como: parecido, figura, desenho, aspecto, aparência (2 Rs 16:10; Ez 23:15; 2Cr 4:3). A palavra *Demuth* está precedida da partícula K e que sempre expressa uma relação de semelhança pela qual se pretende dizer que o homem é parecido e semelhante a Deus. Tenha-se em mente o fato de o texto querer dizer que o homem não é, em si, a imagem de Deus, mas um ser conforme à imagem de Deus.

Sendo o homem a imagem e semelhança de Deus, em que se manifesta essa imagem divina? Algumas suposições têm sido consideradas a respeito, pelos estudiosos da Teologia Sistemática, a saber:

1. **O corpo = imagem de Deus.**
2. **O domínio = imagem de Deus**
3. **Relacionamento e Dependência = imagem de Deus**

Jacó (1969, p. 164) afirma, também, que

[...] a imagem de Deus está implicada no relacionamento e na dependência do homem, que não é outra coisa senão o representante da divindade. Querer ser como Deus – tentação apresentada pela serpente – é desejar sair do

papel de imagem. O Antigo Testamento mostra em várias ocasiões, que procedendo deste modo o homem em vez de elevar-se, degrada-se ao nível dos animais.

4. Imortalidade da Alma = imagem de Deus

Essa interpretação helenística equivocada faz parte do livro apócrifo “Sabedoria”, foi feita por um judeu que viveu num ambiente helenístico, provavelmente em Alexandria, por volta do segundo século A.C. Ele afirma: “Deus criou o homem para a imortalidade e o faz à Sua própria imagem” (Sabedoria 2:23).

Este conceito foi influenciado pelas ideias platônicas que distinguem a alma do corpo (dicotomia) mas é totalmente alheio aos conceitos doutrinários do Antigo Testamento sobre o homem, que é, eminentemente, monista.

5. Comunhão/Relacionamento = imagem de Deus

Karl Barth (Teólogo Protestante Suíço – 1886 a 1968) analisou esse aspecto. A doutrina de Barth (2006a) quanto à imagem de Deus resume-se em 3 pontos: 1. A imagem de Deus é relacional; 2. O homem tem a imagem de Deus quando ele ouve a Palavra de Deus e responde a ela. Ou seja, é a resposta de fé à Palavra de Deus que constitui o relacionamento que por sua vez constitui a imagem de Deus; 3. A real imagem de Deus é a natureza humana de Jesus Cristo.

5. O Homem Total/Integral = imagem de Deus

Gerrit Cornelis Berkouwer (Teólogo Holandês – 1903 a 1996), enfatiza que o homem inteiro (total) está na imagem de Deus. Ele escreve:

A característica do ponto de vista bíblico consiste precisamente nisto, que o homem parece estar relacionado com Deus em todas as suas relações de criatura. O retrato bíblico do homem [...] também enfatiza que este relacionamento com Deus não é algo acrescentado à sua humanidade; mas sua humanidade depende desta relação com Deus. (BERKOUWER, 1965, p. 195).

6. Justiça e Retidão = imagem de Deus

Alguns teólogos se apegam a Paulo que fala do homem como sendo criado para ser semelhante a Deus em justiça e santidade (Ef 4:24).

Martinho Lutero e outros reformadores, enfatizavam que os homens são criaturas pessoais, racionais, criativas e morais, sendo, por isso, imagem de Deus (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 2011).

A partir do exposto, pode-se observar a importância de estudar a antropologia a partir da visão bíblica pois, como salienta Ladaria (1998), toda a Antropologia Teológica se desenvolve a partir da Cristologia e do conhecimento do Ser de Deus,

pois o homem é percebido como criatura em relação intrínseca com Deus, e tem a imagem de Deus refletida na encarnação de Cristo, que assumiu a condição humana trazendo a perfeita imagem do Criador.

INDICAÇÃO DE LEITURA - LIVRO:

[WOLFF, Hans Walter.]. **ANTROPOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO**. São Paulo SP. 2013, Editora Hagnos].

A TERCEIRA DOUTRINA - SOTERIOLOGIA

A Soteriologia é a ciência da Salvação. Estuda a obra salvadora de Cristo, o que Ele faz. É, em seu sentido estrito, a comunicação da Salvação e compreende a cura do pecado. Difere, portanto, da Cristologia, que estuda a Pessoa de Cristo – quem Ele é. A Soteriologia procede da obra completa realizada por Cristo. Sem a Soteriologia a Cristologia seria apenas uma teoria.

A base bíblica desse estudo está no texto de Romanos 3:24: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (ver também Ef 2: 4-9; Ap 1:5,6; Hb 9:28).

Importância da Soteriologia

A importância da soteriologia é destacada na obra Educação, de Ellen G. White. Para a autora, os estudos soteriológicos têm como tema central a salvação em Cristo e apresentam, portanto, algumas características importantes que devem ser levadas em conta nos estudos teológicos:

- a. A salvação é o tema central da Bíblia;
- b. É a ciência de todas as ciências;
- c. A ciência da salvação: (1) Constitui estudo dos anjos e de todos os seres dos mundos não caídos; (2) ocupa a atenção de Jesus Cristo; (3) originado na mente do infinito; (4) será estudo dos remidos através da eternidade;
- d. É o mais elevado estudo em que é possível ao homem ocupar-se. Como nenhum outro estudo, avivará a mente e enobrecerá a alma;
- e. Possui a chave que abrirá todo o tesouro da Palavra de Deus. (WHITE, 2015a, p. 125-126).

Nessa perspectiva, a autora sintetiza o assunto da seguinte forma: “O tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no Livro, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus, na alma humana, o empenho de

cada livro e passagem da Bíblia é o desdobramento deste maravilhoso tema" (WHITE, 2015a, p. 125).

Dimensões da Salvação

A Bíblia apresenta a salvação como sendo uma experiência linear, contínua e não pontilhar ou momentânea. A salvação é um processo e não um ato e perpassa o passado, o presente e o futuro. A salvação "é uma experiência de fé que redime nosso passado, enche de gozo nosso presente e aguarda com esperança um futuro glorioso" (LARONDELLE, 1988, p. 8).

A carta de Paulo aos Romanos apresenta três aspectos da salvação que ocorrem em tempos (ou dimensões) diferentes em um mesmo contexto: a Justificação (Rm 3:21 até 5:21); a Santificação (Rm 6, 7 e 8); e a Glorificação (Rm 12 a 16).

Dessa maneira, os estudos soteriológicos devem considerar as três dimensões da salvação, analisando o tempo dos verbos nos textos e narrativas bíblicos.

a) Passado (2 Tm 1:7- 9 e Tt 3:5)

O verbo da descrição dos fatos está no passado, o que já ocorreu:

- Foi o que aconteceu na Cruz = A Obra de Cristo por Nós;
- A certeza da Salvação;
- A certeza do Perdão = justificação;
- Libertação da penalidade e da culpa do pecado.

Perdão e justificação são uma e a mesma coisa. É a prerrogativa do Pai perdoar as nossas transgressões e pecados, porque Cristo tomou sobre Si mesmo nossa culpa e alivia-nos da culpa (perdoa), imputando-nos Sua justiça. Seu sacrifício satisfaz plenamente os reclamos da justiça.

b) Presente (1 Co 1:18 e Fp 2: 12)

A análise textual mostra que o verbo está no presente, o que está acontecendo:

- É o que está acontecendo hoje = A Obra de Cristo em Nós;
- É a santificação = o andar com Deus = dura toda a vida;
- É a libertação do poder do pecado;
- É a Obra de Cristo no Santuário como o nosso intercessor.

c) Futuro (Mc 16:16 e 1 Pe 1:5)

Na descrição textual o verbo está no futuro, o que ainda vai acontecer:

- É a glorificação = Os salvos no Céu = A Obra que Cristo fará por nós;
- A erradicação da natureza pecaminosa;

- Libertação da presença do pecado;
- Cristo para sempre conosco.

De forma sintética, pode-se verificar que a Justificação, a Santificação e a Glorificação envolvem os três processos presentes na salvação do homem, conforme se percebe no quadro abaixo.

Dimensões da salvação.		
JUSTIFICAÇÃO	SANTIFICAÇÃO	GLORIFICAÇÃO
Passado	Presente	Futuro
Livre da penalidade e da culpa do pecado	Livre do poder do pecado	Livre da presença do pecado
É o ladrão na cruz	É Enoque andando com Deus	É Elias no Céu
É o que Cristo fez na Cruz	É o que Cristo está fazendo no Santuário celestial	É o que Cristo fará no Céu
Início da caminhada	Percurso = andar	Chegada
Obra de um momento	Obra de uma vida	Obra da eternidade
Justiça imputada	Justiça comunicada	Justiça eterna

Martinho Lutero foi um dos primeiros reformadores a considerar o tema da Justificação pela fé. Impressionado pelos ensinamentos de Paulo em Gálatas e Romanos, a respeito do amor de Deus refletido em Cristo, na cruz, ele entendeu que o pecador seria justificado exclusivamente pelos méritos de Cristo (CAIRNS, 1995).

A Santificação é descrita por Bergstén (1999, p. 150), como sendo “[...] a continuação da obra salvadora na vida do crente. A Bíblia afirma: ‘Aquele que em vós começou a boa obra aperfeiçoará até o Dia de Jesus Cristo’ (Fp 1:6)”.

Quanto à Glorificação, Paulo ensina que esta é a fase final no processo da salvação (Rm 8:30), a recompensa dos que foram justificados e santificados por Cristo (Rm 8:19-23, 1Ts 4:16-17; 2Pd 3:13). Esse é o ato final, que ocorre após a segunda vinda de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNIDADE 3 teve como objetivo apresentar as três primeiras doutrinas da Teologia Sistemática. A Bibliologia foi a primeira doutrina discutida. O texto tratou de dar a definição e a etimologia, bem como a Inspiração Divina das Escrituras e como a sua canonicidade se deu ao longo dos tempos.

A Antropologia foi a segunda doutrina analisada. Para um melhor entendimento foi necessário definir o que é Antropologia Bíblica e diferenciá-la da Antropologia Científica. A visão bíblica e teológica da formação do homem teve como base o livro de Gênesis. Percebeu-se dois elementos formadores do homem, ou seja, o fôlego de vida e o pó da terra. Um quadro contendo os elementos químicos da terra fez parte do estudo.

Por último a Soteriologia, ou a Doutrina da Salvação, foi brevemente estudada. Mostrou-se a importância da salvação e as três dimensões como processo envolvendo o passado, o presente e o futuro.

As doutrinas que envolvem a Bíblia, a Antropologia e a Soteriologia, contribuem para o/a estudante compreender a importância da Teologia e do estudo sistemático sobre as coisas referentes a Deus.

HORA DE REVISAR

. A Bíblia é um livro completo, que trata desde questões históricas, biográficas, sociais, econômicas, políticas, legislativas, filosóficas, entre outros aspectos. Seu diferencial sobre os demais livros é que ela é “divinamente inspirada”, representa a própria Palavra de Deus descrita a partir de Seus escolhidos, dentre eles: profetas, escribas, historiadores, salmistas, poetas, estes influenciados pelo Espírito Santo e capacitados a receber e transmitir a mensagem divina.

O conhecimento teológico requer que a Antropologia seja analisada no contexto da Teologia Sistemática, pois não há como analisar a Deus e a obra redentora de Cristo sem estudar sobre a natureza do homem em sua relação com Deus. Essa análise pode até se fundamentar em aspectos naturais, físicos, ambientais, psicológicos, mas para a Teologia, o homem deve ser estudado sob o prisma da integralidade, ou seja, ele é um ser criado e seu aspecto espiritual, seu relacionamento com o sagrado, deve ser abordado considerando o que a Bíblia apresenta como fundamento para essa reflexão.

A questão soteriológica foi abordada considerando que a obra de Cristo para salvação da humanidade foi completa, compreendendo a cura do pecado mediante a justificação pela fé (ou Graça) mediante a redenção em Jesus. Tendo em vista

restaurar a imagem de Deus na vida do crente, a salvação é um processo que inclui, também, a necessidade de santificação para que o homem possa receber, ao final a glorificação. Nesse processo, portanto, a salvação abarca três dimensões, ou tempos: passado (a obra de Cristo realizada na cruz); presente (aceitação da fé; arrependimento, busca diária pela santificação); e futuro (glorificação, erradicação da natureza pecaminosa).

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006a.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Cultura Cristã: São Paulo, 2011.

BERKOUWER, G. Cornelis. **Man, The Image of God**. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1965.

BERGSTÉN, Eurico. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: CPAD, 1999.

BERTI, Marcelo. **Antropologia – doutrina do homem**. Uma breve investigação sobre o homem nas escrituras. Apostila de Teologia Sistemática. 2010. Disponível em: <https://marceloberti.files.wordpress.com/2010/02/apostila-teologia-sistemica-antropologia.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

BEZERRA, Joana D'Arc P. **Linguagens terminológicas**: ensaios para a construção de um tesouro bíblico. Monografia (Biblioteconomia). 118. p. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2005.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. **João Calvino**. 2. ed. rev. ampl. Sociedade Bíblica do Brasil. 2011. p. 10.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. Trad. Israel Belo de Azevedo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GILBERTO, Antônio. **A Bíblia através dos séculos: a história e formação do Livro dos livros**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da igreja cristã**. São Paulo, SP: Betânia, 2002.

LARONDELLE, Hans K. **O que é salvação: o que Deus faz por nós e em nós**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

LAPA, Marco Antônio Teixeira. **Caderno de estudos**: introdução à sagrada escritura e bibliologia. Centro Universitário Leonardo da Vinci. UNIASSELVI, 2009.

JACÓ, Armínio. **Teologia do Antigo Testamento**. Lisboa, Portugal: Marova, 1969.

RYRIE, Charles C. **A Bíblia anotada**. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

SILVA, Rodrigo Pereira da. **Introdução à Bíblia**. Apostila de estudo de Teologia. Aianis, 2017. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/curso-teologia/introd-a-biblia/files/basic-html/page6.html>. acesso em 15 Jul, 2024.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015a.

UNIDADE 4 - DOCTRINAS DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA II

Objetivos:

- **Esclarecer as duas naturezas de Jesus Cristo.**
- **Estudar sobre a Pessoa do Espírito Santo e Sua obra.**
- **Entender o processo escatológico conforme a teologia bíblica.**

Vamos conhecer e estudar de forma sintetizada mais três doutrinas teológicas que fazem parte da Teologia Sistemática. Assim teremos uma melhor visão de Deus e da Teologia.

A QUARTA DOCTRINA – CRISTOLOGIA

Ao estudar sobre Jesus Cristo, Sua natureza e Seu caráter divino deve-se reconhecer que Ele é Deus e que existiu desde sempre e que estava com o Pai no ato da Criação: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo. 1:1; Mt.1:18; Hb. 13:8; Cl. 1:19; 2:9; Hb. 1:3; Fp. 2:6-11); "Desde os dias da eternidade" (Mq 5.2) “ele é antes de todas as coisas" (Cl 1.17).

A Realidade das Duas Naturezas

Paulo trata das duas naturezas do Redentor, embora sem usar a palavra natureza (porque essa é um termo teológico com referência a Cristo) em dois textos de sua carta aos Romanos.

O primeiro texto está em Romanos 1:3-4: "Com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor".

Esse texto de Romanos 1:3-4, em grego, aponta que Cristo, segundo a sua divindade, foi "designado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade", e conforme

a sua humanidade era "segundo a carne". Nesse texto, a palavra grega que é traduzida como "carne" significa natureza humana, não simplesmente "corpo", ou a parte física de um ser humano. A primeira diz respeito à natureza divina e a segunda à natureza humana.

O outro texto que Paulo trabalha é Romanos 9:5 -"deles (judeus] são os patriarcas e deles descende o Cristo, *segundo a carne*, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!".

Poucos textos do Novo Testamento tratam de maneira tão clara das duas naturezas do Redentor. Certamente Paulo estava admirado de que muitas pessoas ainda não tinham entendido o fenômeno da encarnação do Filho de Deus. Muitos judeus estavam cegos a essa verdade. Para eles Cristo não passava de um mero homem, quando muito, apenas mais um profeta de Deus, ou mestre em Israel. Todavia, jamais lhe passou pela mente a possibilidade de Ele ser divino e humano ao mesmo tempo.

Existem quatro aspectos importantes que confirmam a realidade das duas naturezas de Cristo, quais sejam:

1. O Redentor seria, ao mesmo tempo, Filho do Altíssimo e Filho de Davi.

"Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai" (Lc 1:32).

Jesus Cristo é chamado "Filho do Altíssimo", porque veio do seio do Pai (Jo 1:18). Essa expressão indica a procedência divina e pré-existente daquele que seria o Redentor. Esse Redentor possui uma natureza divina. Antes de essa Pessoa divina ter uma natureza humana (derivada de Maria) unida a si, o Verbo já era Filho do Altíssimo, mas somente mais tarde, depois do Seu nascimento de Maria, é que os homens haveriam de conhecer e de reconhecer o Redentor como "Filho do Altíssimo".

2. O Redentor teria duas naturezas unidas numa ação misteriosa.

"Então disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação como homem algum?" (Lc 1:34).

Certamente a concepção de Jesus seria sobrenatural. Ele haveria de nascer como os demais homens, mas não haveria de ser concebido como eles. Ele não seria concebido de uma forma comum a todos, mas de uma forma misteriosa e profunda, que sobressaia a lógica humana.

3. As duas naturezas dessa Pessoa seriam unidas por uma ação sobrenatural.

"Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra" (Lc 1:35).

Essa ação sobrenatural da parte do Espírito foi absolutamente poderosa, miraculosa e misteriosa. Houve a união das duas naturezas quando se deu a ação sobrenatural do Espírito Santo sobre Maria.

4. A ação sobrenatural sobre Maria tornaria a Pessoa com as duas naturezas santas.

"... por isso o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus (Lc 1:35).

Se Jesus Cristo houvesse sido gerado de maneira natural (e não sobrenatural como foi), certamente Ele não poderia ser chamado "ente santo". Se não houvesse a ação sobrenatural de Deus, o Redentor poderia ter recebido alguma coisa pecaminosa da natureza corrupta de Maria. Todavia, Deus tornou santa essa natureza humana no ato da concepção. A sobrenaturalidade da misteriosa obra divina na encarnação é que tornou possível a santidade daquele que estava para nascer do ventre de Maria

A Necessidade das Duas Naturezas no Redentor

Veja o brilhantismo do pensamento de Karl Barth:

A cristologia, insistia ele, é a chave da doutrina da reconciliação. E cristologia significa confessar que Jesus Cristo, o Mediador, é o próprio Deus, o próprio homem e o próprio Deus-homem. Há, pois, três aspectos cristológicos ou três perspectivas para a compreensão da expiação. O primeiro é que 'em Jesus Cristo temos de ver com o próprio Deus. A reconciliação do homem acontece quando o próprio Deus ativamente intervém'. O segundo é que 'em Jesus Cristo temos de ver com o verdadeiro homem. É assim Ele se torna o reconciliador entre Deus e o homem'. O terceiro é que, embora sendo o próprio Deus e o próprio homem. Jesus Cristo é um. Ele é o Deus homem. (STOTT, 2006, p. 166).

Dessa maneira, Jesus precisou ter Nele mesmo a natureza humana e a divina, para cumprir o objetivo de redenção da humanidade perante Deus.

A Necessidade da Natureza Humana

a) O Redentor tinha de ser um verdadeiro homem para poder substituir homens.

O escritor aos Hebreus disse: "Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo" (Hb 2:17).

b) **O Redentor tinha de ter as mesmas experiências humanas** "[...] para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote".

c) **O Redentor tinha de ser homem para tratar com Deus das coisas dos homens**, "[...] para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus".

As "coisas referentes a Deus" têm a ver com o pecado, porque o pecado ofende a Deus, e Deus exige a punição dos pecados. A função do sacerdote é oferecer a Deus alguma coisa que aplaque a Sua ira. Por essa razão, o sumo sacerdote trata com Deus das coisas dos homens, mas que ofendem a Deus. O sacerdote é aquele que trata das coisas dos homens diante de Deus. Ele é o representante dos homens perante Deus.

d) **O Redentor tinha de ser tentável, mas não poderia pecar.**

"Porque não temos um sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hb 4:15).

Ele tinha de passar por todas as provas, inclusive a de ser tentado, mas não sujeito à queda, a fim de que pudesse ter simpatia para com os que sofrem por causa das tentações.

A Necessidade da Natureza Divina

a) **O Redentor tinha de ser verdadeiro Deus para ser um poderoso Salvador.**

"Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que Ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste" (Jo 17:2).

O nosso Redentor é extremamente poderoso por causa da Sua divindade. Se fosse apenas homem, Ele não poderia realizar tão grande salvação (Hb 2:3).

Aliás, a Sua simples humanidade não lhe daria a condição de Redentor, porque alguém que é simplesmente homem não pode pagar o resgate e ainda sair vitorioso sobre a morte por seu próprio poder.

No espelho da humanidade de Jesus Cristo revela-se a humanidade de Deus, incluída em sua divindade. Deus é assim com ele. Assim diz seu sim ao homem. Assim ele participa do ser humano. Assim ele se engaja em favor do ser humano. (BARTH, 2006, p. 397).

b) **O Redentor tinha de ser divino para que pudesse suportar a ira divina.**

Jesus Cristo teve de tirar o pecado de muitos (Is 53:11). Ele teve de redimi-los, isto é, tirá-los do estado de condenação libertando-os. Para que isso acontecesse, o Redentor não poderia ser simplesmente humano, pois não teria forças para suportar o peso da ira divina em favor de todos aqueles a quem Ele veio remir.

c) O Redentor tinha de ser também divino para que pudesse salvar pecadores.

A Escritura afirma categoricamente que a salvação vem de Deus (Is 43:11,12). Portanto, não poderia haver um Redentor simplesmente humano. Um homem, ainda que puro, é apenas um homem e não pode efetuar a salvação de ninguém. Não há possibilidades de salvação fora do Deus-homem (At 4:12).

A Necessidade das Duas Naturezas Unidas

a) Para que pudesse ser Mediador entre Deus e os homens.

A fim de que todos nós pudéssemos ser salvos da ira divina (porque somos pecadores), Deus teve de enviar um Mediador. Um Mediador (1 Tm 2:5) é aquele que permanece entre duas pessoas em litígio. No caso de Jesus Cristo, Ele é representante nosso e representante de Deus, pois Ele vindica os interesses de ambas as partes - um Deus irado e o homem pecador carente de perdão.

b) Para que pudesse cumprir o propósito original de governar a criação.

Originalmente Deus criou o homem para viver paradisiacamente num lugar que Ele carinhosamente fez (Gn 1:31). Sabemos que houve a Queda e a consequente punição divina sobre o homem e seu habitat. Quando Deus criou homem, Ele o pôs na condição de ser seu vice-regente, uma espécie de representante divino sobre toda a criação, e lhe deu o mandato de domínio (Gn 1:26-28).

Era a intenção divina que todas as coisas ficassem sob o domínio do homem. Essa ideia é retirada do propósito do Salmo 8, que afirma o ideal edênico que não expressa a nossa realidade de forma adequada. Portanto, o Filho de Deus foi enviado, assumindo a natureza humana a fim de que pudesse restaurar o homem à sua condição primeva - a de dominar a natureza. A obra que Jesus Cristo iniciou ainda não está concluída em termos práticos, porque o mesmo Salmo 8 é citado pelo autor de Hebreus mostrando que nem todas as coisas podem ainda ser vistas como sujeitas ao Filho de Deus (Hb 2:8). Mas tudo vai ser concretizado quando Jesus Cristo retornar com poder e muita glória (Mt 24:30).

A QUINTA DOUTRINA - PNEUMATOLOGIA

Ao estudar sobre o Espírito Santo deve-se reconhecer que Ele é Deus, parte da Trindade.

Aos Três são Dados Atributos Divinos

- a) **Eternidade:** Pai, Sl 90:2; Filho, Cl 1:17; Espírito Santo, Hb 9:14;
- b) **Onipresença:** Pai, Jr 23:24; Filho, Mt 28:20; Espírito Santo, Sl 139:7;
- c) **Onisciência:** Pai, 1Jo:5.20; Filho, Jo 21:17; Espírito Santo, 1Co 2:10;
- d) **Onipotência:** Pai, Gn 17:1; Filho, Mt 28:18; Espírito Santo, 1Co 12:11;
- e) **Santidade:** Pai, 1Pe 1:16; Filho, Lc 1:35; Espírito Santo, Ef 4:30;
- f) **Amor:** Pai, 1Jo 4:8,16; Filho, Ef 3:19; Espírito Santo, Rm 15:30;
- g) **Verdade:** Pai Jr 10:10; Filho, Jo 14:6; Espírito Santo, Jo 16:13.

As Três Pessoas Divinas são Um

- a) A Bíblia afirma que os três são um (1Jo 5:7);
- b) A Bíblia ensina que estas três pessoas estão unidas reciprocamente. A união entre o Pai e o Filho (Jo 10:30; 14:11 ; 17:11,22,23; 2Co 5:19). A união entre o Pai e o Espírito Santo, expressado em “Espírito de Deus” (Rm 8:9). A união entre o Filho e o Espírito Santo: Espírito de Cristo (Rm 8:9; Gl 4:6);
- c) As três Pessoas são mencionadas de uma só vez como Pessoas distintas (Mt 28:19; Ef 4:4-6; 2Co 13:13; 1Co 12:4-6).

A Unidade das Três Pessoas não Desfaz a sua Individualidade

- a) As três pessoas são mencionadas no mesmo momento em lugares diferentes (Mt 3:16,17). O Filho foi batizado, o Espírito veio sobre ele, enquanto o Pai falava dos céus. Estevão estava cheio do Espírito Santo, e viu Jesus à destra de Deus (At 7:55,56). E em Lc 4:18 e Is 61:1 declara que “O Espírito do Senhor (Deus) é sobre mim (Jesus)”;
- b) As três Pessoas são mencionadas como Testemunhas. Conforme a lei eram necessárias duas ou três testemunhas (Dt 19:15,16). Embora as três Pessoas em realidade divina sejam UM (1Jo 5:7) são apresentadas como

Testemunhas, porque numericamente são três. O Pai testifica (Rm 1:9), o Filho testifica (Jo 18:37) e o Espírito Santo também testifica (1 Jo 5:6).

Três Pessoas Divinas Operam as Mesmas Obras

A Bíblia menciona as três Pessoas divinas operando na mesma obra, mas de diferentes modos.

- a) **A criação:** O PAI criou (Gn 1:1; Jr 10:10-12 ; Sl 89:11 ; 102:11), pelo FILHO. Jo 1:2, 1Co 8:6; Gl 1:15; Hb 1:2, no poder do Espírito Santo (Gn 1:2; Sl 104:30; Jó 33:4, 26:3);
- b) **A salvação:** DEUS predeterminou a salvação por Jesus (Ef 1:4), enviou o Seu eu Filho (Jo 3:16, Gl 4:6), e O gerou (Sl 2:7), e estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo (2Co 5:19) e ressuscitou a Jesus (At 13:22). O FILHO se ofereceu desde a fundação do mundo (Ap 13:8), veio ao mundo (Hb 10:7), aniquilando a sua glória (Fp 2:5), e morreu na cruz (Jo 19:30). O Espírito Santo operou pela palavra profética (1Pe 1:10), na concepção de Jesus (Lc 1:35), no seu ministério (Lc 3:22; 5:17), ao Jesus se oferecer na cruz (Hb 9:14), na ressurreição de Jesus (Rm 8:11) e na sua ascensão (Ef 1:19, 20). Agora ele aplica a obra de Jesus na vida dos homens (Jo 16:15);
- c) **O Batismo.** Jesus ordenou que fosse ministrado em nome do PAI e do FILHO e do ESPÍRITO SANTO (Mt 28:19).
- d) **Na vinda de Jesus.** Deus levará os crentes para si (1Ts 4:14). Jesus virá nas nuvens para buscar os crentes (1Ts 4:16) e o Espírito Santo operara na ressurreição (Rm 8:11).

Em Apocalipse 22:17 é declarado que: “o Espírito e a noiva [igreja] dizem: Vem”. Isso quer dizer que a obra do Espírito Santo continuará até o retorno de Cristo a Terra. Todos os membros da Trindade estão a trabalhar em união constante para que a humanidade volte a refletir a imagem de Deus tal como era quando foi criada.

INDICAÇÃO DE LEITURA:

[XAVIER, Erico Tadeu]. **O ESPÍRITO SANTO E SUA OBRA.** Londrina, PR. 2014, disponível na Editora “UICLAP”. Traz mais informações sobre o Espírito Santo e a Trindade.].

A SEXTA DOUTRINA - ESCATOLOGIA

Escatologia é o estudo dos últimos acontecimentos ou eventos. O termo deriva da palavra *éskhatos*, de origem grega, e significa extremo, ou último. Associado ao sufixo *logia* significa “estudo das últimas coisas”. O adjetivo *éskhatos* = “último” ou “última” aparece 52 vezes no NT. O estudo sério da Escatologia bíblica é indispensável. Mesmo porque, de acordo com Ryrie (1991), para o cristão, a Bíblia ensina claramente e detalhadamente sobre o futuro, de modo que ele possa reconhecer o que está pela frente.

Classificação da Escatologia

A escatologia pode ser dividida em dois segmentos: escatologia geral e escatologia individual. De acordo com Conegero (2016), a geral trata sobre o futuro do mundo, tendo relação com a dispensação presente, abarcando o estudo sobre a segunda vinda de Cristo, a ressurreição, o juízo final, entre outros aspectos. Paulo trata da escatologia geral em 1 Tessalonicenses 5:1-11. Já a escatologia individual estuda sobre o futuro individual do homem, discutindo a morte e o estado dos mortos. Moisés, no Salmo 90, fala a respeito da escatologia individual.

Correntes de Interpretação Escatológica

As correntes de pensamento voltadas à interpretação escatológica bíblica se afirmam sobre quatro pontos, quais sejam: histórico, dispensacionalista, aminelismo e pós-milenismo.

O pré-milenismo histórico foi a primeira mensagem escatológica divulgada entre os cristãos primitivos até o quarto século. De acordo com Ladd (2016), a Igreja entendia o texto apocalíptico como sendo futurista, sendo os eventos do fim ocorridos após a tribulação.

O pré-milenismo dispensacionalista considera que Apocalipse 20 se cumprirá em duas partes: antes da tribulação e após a tribulação, quando Cristo estabelece o milênio. O dispensacionalismo trouxe a ideia do arrebatamento, o que não era aceito entre os primeiros cristãos. Os dispensacionalistas consideram a Igreja como os cristãos, somente, sendo que Israel não faz parte do povo de Deus, enquanto os históricos consideram a igreja como o verdadeiro Israel espiritual (SEVERA, 2014).

O amilenismo defende a segunda vinda de Cristo como sendo pós-tribulacional, apresentando uma interpretação não literal de Apocalipse 20. Para o amilenismo a interpretação das profecias é figurada, espiritual e o milênio não ocorre de forma literal por mil anos.

O pós-milenismo defende a segunda vinda de Cristo como sendo pós-tribulacional, mas interpreta apocalipse 20 de forma não literal e diversa do amilenismo, afirmando que o milênio é um período de grande paz e prosperidade no mundo em consequência à pregação do Evangelho (CONEGERO, 2016).

Dentre os estudiosos da escatologia bíblica, algumas visões se destacam:

- a) Visão **futurista**: a maioria dos eventos escatológicos estão relacionados com o futuro = final dos tempos;
- b) Visão **preterista**: os eventos escatológicos tomaram lugar no tempo dos seus escritores, e assim, todos estão no passado = já foram cumpridos;
- c) Visão **simbólica = idealista**: mantém que as descrições escatológicas bíblicas devem ser consideradas sem referência ou conexão ao tempo, pois o foco está nas verdades que ensinam. Verdades são atemporais, portanto, as profecias não fazem referência direta a nenhum evento histórico real;
- d) Visão **histórica**: afirma que os eventos descritos nas profecias estão no futuro dos que as escreveram, mas se referem a ocorrências que se dão no decorrer da história da Igreja. Não somente estes eventos tomam lugar no futuro, mas estão ocorrendo na história, até atingirem um clímax.

Escatologia no Antigo Testamento

O Antigo Testamento sempre evidenciou a vinda literal de um personagem escatológico que faria toda a diferença para a humanidade: Jesus, o Filho de Deus. Algumas visões “Daquele” que viria são descritas em diferentes passagens bíblicas:

- Vitorioso – Gênesis 3:15;
- Profeta – Deuteronômio 18:15;
- Sacerdote – Salmo 110:1 a 5;
- Servo – Isaías 42:1 a 4;
- Messias – Daniel 9:24 a 27;

- Filho do Homem – Daniel 7:13. (Jesus preferiu esse título em lugar da expressão “messias”, especialmente porque a expressão “messias” havia assumido conotações equivocadas = libertador político. Jesus desejava atrair a atenção para o livro de Daniel e o estabelecimento do reino no seu segundo advento);

- Redentor e Juiz – Ezequiel 9:4 a 6.

Escatologia no Novo Testamento

Os autores do Novo Testamento apresentaram um quadro mais elaborado do que o encontrado no Antigo Testamento. As profecias escatológicas foram agora reinterpretadas em termos mais amplos:

- Israel como povo = Igreja universal;

- Israel como geografia/palestina = Nova Terra cósmica;

- As promessas que não se cumpriram com Israel se cumprirão com a igreja.

Para saber quais promessas do AT se cumprirão com a igreja basta olhar para o NT, pois ele faz menção ou indica tais promessas. Um exemplo: Isaías 65 versus Apocalipse 21;

- O fim escatológico já veio, mas ainda não na plenitude: Hebreus 1:1 e 2;

- A era futura já veio com o ministério de Jesus – Mateus 12:28. Com sua morte e ressurreição o julgamento futuro já tomou lugar – João 12:31. Com a sua Segunda Vinda o fim deste mundo realmente virá – 1 Coríntios 15:20 a 28.

A Esperança Escatológica do Advento

O retorno de Jesus é expresso no NT em basicamente em 5 termos:

1. Voltar (*erchesthai*) – (Mt 24:30,42 - 44, 25:31, Lc 12:45, 15:5, 6, 19:23);

2. Aparecer (*epiphaneia*) – (2 Ts 2:8; 1 Tm 6:14; 2 Tm 1:10; 4:1- 8);

3. Revelação (*apokalupsis*) – (Lc 17:30; 1 Pe1:13);

4. Presença (*parousia*) – usada cerca de 20 vezes para referir-se ao Segundo Advento – (Mt 24:3,27,37,39; 1 Co 15:23, outros...);

5. Dia do Senhor (*hemeran Kupiou*) – (At 2:20; 1 Co 1:8; 2 Co 1:14; e outros).

6. Expressões correlatas: “dia do juízo” – (Mt 10:15, etc.); “naquele dia” – (Mt 7:22, etc.).

Modo da Parousia = Vinda de Cristo

1. Pessoal – (Jo 14:3; 1 Ts 4:16; At 1:11);
2. Física – (1 Ts 4:16 e 17);
3. Visível – (At 1:11; Mt 24:30);
4. Inesperada – (1 Ts 5:2,3);
5. Triunfante e Gloriosa – (Mt 24:30,31; Mc 13:26; Lc 21:27; Ap 19:11-16).

Nota: A expressão “Segunda Vinda” não é encontrada no Novo Testamento. Apenas o adjetivo “segunda” aparece em Hebreus 9:28.

INDICAÇÃO DE LEITURA:

[EWERT, David). **ENTÃO VIRÁ O FIM: UMA ESCATOLOGIA BÍBLICA.** Campinas, SP. 1994, disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/pdf/entao-vira-o-fim/livro:207154/edicao:231664>].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNIDADE 4 teve como objetivo apresentar outras três doutrinas da Teologia Sistemática (existem outras mais, porém as principais foram aqui contempladas). A Cristologia, que trata da Pessoa de Jesus Cristo, foi a primeira doutrina a ser estudada de forma sintetizada nessa Unidade. Preocupou-se em apresentar a realidade das duas naturezas de Cristo e da necessidade de ser divino e humano ao mesmo tempo para alcançar o homem em seu estado de pecador.

A Pneumatologia teve como propósito mostrar as três pessoas da divindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ficou claro que existe uma unidade que não desfaz a individualidade dos membros da divindade – Trindade. Os três membros da divindade operam juntos e com o mesmo propósito que é a salvação da humanidade.

Já a Escatologia deu uma breve visão dos últimos acontecimentos. A Parousia, que significa a vinda de Cristo, foi objeto de reflexão. Tanto o AT como o NT trazem vários aspectos escatológicos. A volta de Cristo à Terra completará o plano da redenção. O pecado não mais existirá e um reino eterno será estabelecido. Novas serão todas as coisas (Ap 21:1-5).

HORA DE REVISAR

No estudo introdutório sobre Cristo considerou-se a necessidade de entender as duas naturezas de Cristo: divina e humana por serem estas de grande relevância

na obra redentora do Salvador. Deus se fez homem para salvar a humanidade. Cumpriu o propósito divino, venceu a morte e declarou a todo o Universo que Ele é digno para retornar e restaurar à humanidade ao seu primeiro estado.

Ao estudar sobre Cristo e Seu ato redentor, foi aqui exposto outro aspecto que precisa ser analisado lado a lado com o estudo sobre o ser de Deus: o estudo do Espírito Santo. O teólogo deve reconhecer que o Espírito Santo é parte integrante da Trindade e que as três Pessoas possuem atributos divinos, expostos na Bíblia, e trabalham em unidade em favor da salvação do homem.

No contexto de estudo sistemático da Teologia, o estudo da Bíblia e das profecias relacionadas com os eventos finais na Terra abarca um conteúdo que visa chamar a atenção para os acontecimentos derradeiros antes da volta de Cristo e os eventos posteriores ao Seu retorno. A Bíblia ensina claramente e detalhadamente sobre o futuro, dando subsídios para que o cristão fiel possa reconhecer o que está pela frente e obtenha o preparo pessoal (como indivíduo) e coletivo (como igreja).

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

CONEGERO, Daniel. Diferenças entre amilenismo, pré-milenismo, pós-milenismo e dispensacionalismo. 2016. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/diferencas-entre-amilenismo-pre-milenismo-pos-milenismo-e-dispensacionalismo/>. Acesso em: 25 Jun 2024.

LADD, George Eldon. **Esperança abençoada**: um estudo bíblico da segunda vinda de Jesus e do arrebatamento. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

RYRIE, Charles C. **A Bíblia anotada**. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. rev. ampl. 2. ed. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2014.